

CÉSAR SAMPAIO EXPERIÊNCIA NO MEIO-DE-CAMPO TRICOLOR



~ são paulo

a revista oficial do

www.saopaulofc.net

A arte de
bater e
defender
PÊNALTIS

CUCA
Hora de
reconstruir



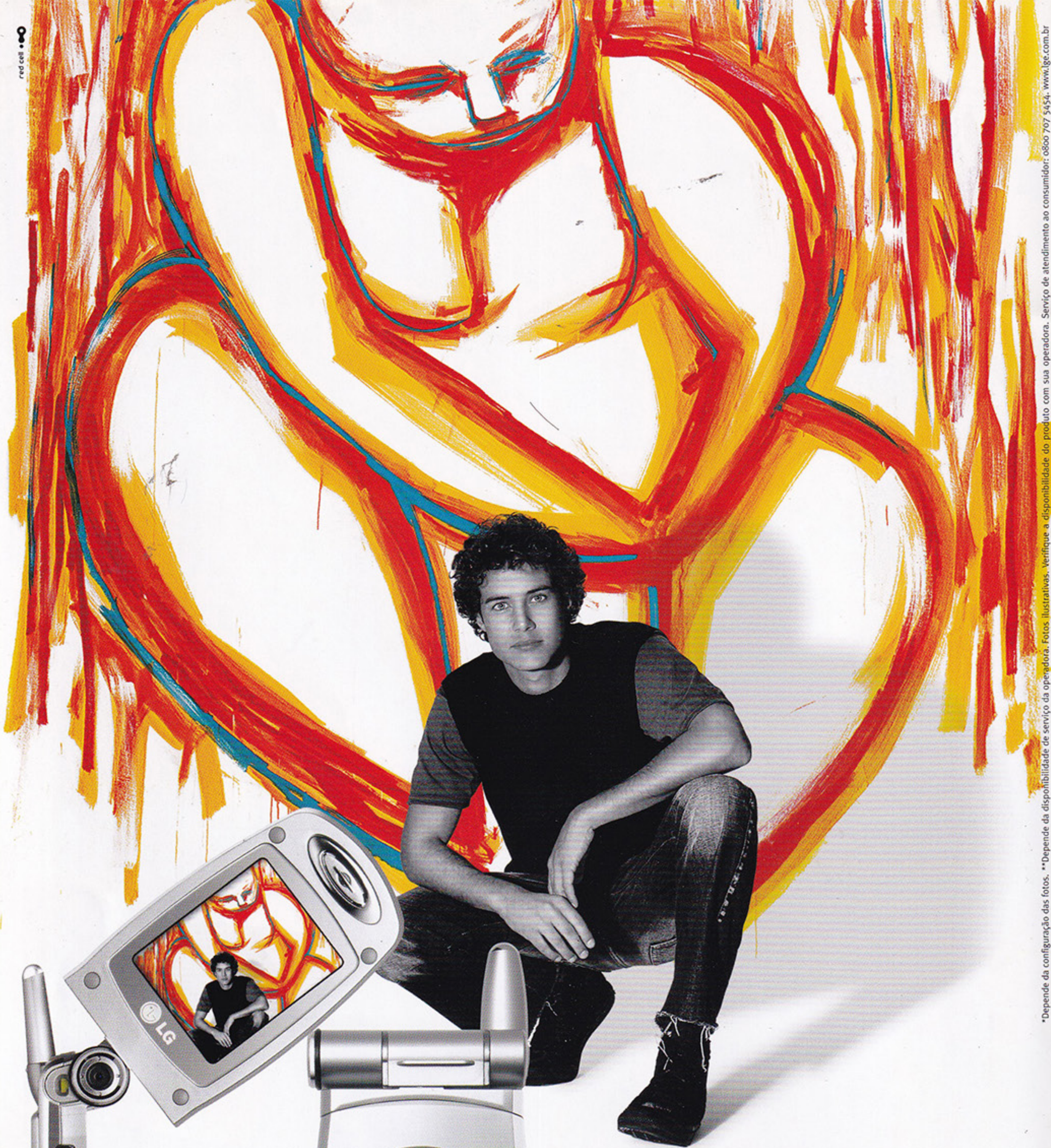
RENEGADOS

CONTESTADOS AQUI.
BEM-SUCEDIDOS LÁ FORA

Nº 123 - R\$5,90



Por onde anda **MÁRIO TILICO** • As incríveis histórias de **YESO AMALFI**



Pare de dizer quem você é.
Mostre.



G7100. Você com liberdade de expressão.

Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR



Sócio-Torcedor, vencedor
do Marketing Best 2003.



SÓCIO-TORCEDOR BRONZE

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor e
fita de vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR PRATA

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC e fita de
vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR OURO

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada e fita de vídeo
institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR MASTER

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada, fita de vídeo
institucional de SPFC e visita
ao Morumbi.

E MAIS: bilheteria exclusiva, sorteios, promoções, descontos em
lojas credenciadas e 50% de desconto nos ingressos de jogos com
mando do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE no Morumbi.

www.saopaulofc.net
0800-120812



REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo
Affonso Renato Meira

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo
Ataide Gil Guerreiro

Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo
Diretoria de Comunicações

Diretor Responsável
Luiz Celso de Piratininga Figueiredo

Jornalista Responsável
Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor
Carlos Mesquita

Secretário de redação
Sergio Luci (textos e produção)

Reportagem
Ana Paula Andrade, Andréa Longue,
Cynthia Gagliardi e Fernando Savaglia

Colunistas
Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico),
Guaracy Souza Sampaio
e Paulo Planet Buarque

Colaboração
Felipe Espíndola, Frederico Rebelo Nehme,
IG Martins, Igor Amorim, Juca Pacheco
e Raul Snell Jr.

Fotógrafos
Mauri Granado, Rubens Chiri/Perspectiva
e Tatyana Alves

Imagem de capa
Marcelo Gonsales

Arte
Celso Andrade, Daniela Salvador,
Marcelo Campos, Marcelo Gonsales,
Marco Basile e Rogério C. Macadura

São Paulo Futebol Clube
Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

Edição
HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3866-2770
Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



04 Índice

06 Imagens

A comunhão que vem das arquibancadas

08 Entrevista

César Sampaio chega. E quer ser campeão!

12 Telão

O São Paulo Futebol Clube na boca da imprensa

14 Especial

Por que os pênaltis deixaram de ser loteria

18 Bate-bola

Cuca faz um balanço de seu trabalho

22 Capa

O sucesso dos jogadores são-paulinos que foram para a Europa

32 História

Yeso Amalfi: bem relacionado com a bola e as personalidades

36 Por onde anda

Sempre no momento certo: o ex-atacante Mário Tilico

38 Jogo a jogo

Partidas do Brasileirão e da Libertadores 2004

42 Perfil

Conheça Rodrigo, o xerife que pôs ordem na zaga

45 Notícias do Tricolor

Epopéia do Morumbi, LA Galaxy, Handebol, Paulo Planet Buarque, Atenas, livros...

50 Crônica

Guaracy Sampaio explica por que ser são-paulino é um privilégio



As boas histórias de um clube

César Sampaio é do Tricolor. Bastou essa informação para que nossa equipe fosse correndo ao CCT. Carismático, ele revelou, em longa entrevista e com muito bom humor, que começou no futebol de salão, justamente, do clube do Morumbi. Depois de tanto tempo, está de volta ao lugar certo. Cuca, também, marca presença. O treinador faz um balanço de seus seis meses à frente do comando do time em nossas páginas. E, se o meio-de-campo tem quebrado a cabeça dele, a zaga está mais firme do que rocha. Isso porque Fabão e seu parceiro Rodrigo levantaram uma verdadeira Muralha da China à frente de Rogério Ceni. Como o primeiro já foi alvo de nossos gravadores e fotógrafos, agora é a vez de Rodrigo. Atualmente, o beque ri à toa. Afinal, está em boa fase e curtindo o nascimento de sua primeira filha. Afora esses nomes, pusemos em pauta assuntos bastante curiosos. Produzimos, por exemplo, uma matéria com Yeso Amalfi, que jogou no Tricolor durante a década de 40. Vestiu por sete anos a camisa das três cores, foi para a Argentina e, depois, Europa. Ganhou notoriedade porque era craque. Mas, também, por ser bem relacionado e boêmio.

Seguindo essa linha de temas quase insólitos, apuramos algumas pérolas a respeito de pênaltis. Há dicas de feras, como Rogério Ceni, Turcão e Waldir Peres, e passagens que até parecem ter saído de obras de ficção, como a do argentino Martín Palermo, que, numa mesma partida, chegou a desperdiçar três. O Tricolor, porém, tem mais sorte - e, por que não dizer, competência, já que pênalti deixou de ser loteria e passou a ser... competência -, pois conquistou títulos fundamentais nesse tipo de disputa, como o Brasileiro de 1977 e a Libertadores de 1992.

Aproveitando o momento, levantamos uma discussão que há tempos tem tirado o sono de são-paulinos sensatos: a perseguição de parte da torcida em relação a alguns atletas. Hoje, se o clube contasse com toda a plêiade de jogadores que, um dia, revelou, e o defendeu, provavelmente teria uma constelação de fazer inveja. Muitos, como Kaká, Júlio Baptista, França, Bordon, Belletti e Edmilson, passaram por maus bocados. No exterior, porém, brilham a cada jogo. E mais. Vários são presença constante nas convocações de Carlos Alberto Parreira. Só para refrescar a memória, alguns estavam no selecionado pentacampeão de 2002, comandado por Luiz Felipe Scolari. Quer dizer, não importa o técnico - porque isso é apenas questão de entender de futebol -, os são-paulinos, de um jeito ou de outro, sempre estão no topo. Aperte os cintos. E boa viagem!

RECOMEÇO

A desclassificação da Libertadores foi dolorosa. Afinal, após dez anos, estávamos de volta ao torneio mais importante das Américas e com ótimas chances de chegarmos à final. Não fomos campeões, é verdade. E, conseqüentemente, nem vamos, pelo menos por enquanto, retornar ao Mundial Interclubes. Lutamos muito, porém. Brigamos até os últimos minutos. Não negligenciamos nossas metas em nenhum instante. A garra dos jogadores, o empenho da comissão técnica, o trabalho de bastidores da diretoria e a impressionante força de nossa torcida proporcionaram momentos memoráveis. Inesquecíveis para qualquer tricolor. Nossa passagem pelo torneio não pode ser desprezada, pois conseguimos números expressivos. Mostramos nossa força jogando no Morumbi - sempre com gols e alegria -, mas também fora de casa.

Agora é hora de pormos a cabeça e o coração no devido lugar e voltarmos à batalha. Recuperados do impacto, pensamos, e estamos pensando, a cada minuto, em nosso próximo objetivo: o Campeonato Brasileiro. Competição difícil, longa e que se projeta equilibrada. Nosso planejamento, porém, está posto. A saída inevitável de alguns atletas está sendo gerida de forma a não enfraquecer nosso elenco. Novos contratados chegaram, como o experiente e habilidoso César Sampaio e o venezuelano Rondón. Outros podem surgir nos próximos dias para se unir ao grupo.

Não tenham dúvidas de que estaremos fortalecidos para as disputas que teremos no segundo semestre. O São Paulo Futebol Clube é grande. Crescemos na adversidade. Estamos prontos para recomeçar nossa caminhada com dignidade e ânimo novo. E ainda mais preparados para comemorar o sucesso.

Um abraço

Marcelo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens



COMUNHÃO DE FORÇAS

Nas seis vezes em que o São Paulo Futebol Clube jogou em casa pela Libertadores, a torcida garantiu o espetáculo. A média de público superou a marca dos 55 mil. Para que se tenha idéia da grandiosidade da nação tricolor, na partida diante do Once Caldas as arquibancadas foram tomadas por 70.430 pessoas. Essa é a força de que necessita uma equipe vencedora. Essa é a torcida de que precisa o time do Morumbi!





A referência que faltava

CÉSAR SAMPAIO chega para trazer experiência ao jovem elenco tricolor e dar mais volume de jogo ao meio-de-campo, setor em que o técnico Cuca muito tem mexido

Por Carlos Mesquita

Assim como Zinho em 1957 e Toninho Cerezo no começo da década de 90, César Sampaio chega trazendo muita experiência. Com 36 anos e inúmeras conquistas na bagagem, é um dos principais reforços para o segundo semestre. Curiosamente, o volante começou no futsal do próprio São Paulo. Mas, logo, mudou de clube, cidade e modalidade. Foi para o Santos, agremiação em que iniciou profissionalmente no futebol de campo em 1986. Depois, passou por Palmeiras, La Coruña (*Espanha*), Corinthians, Yokohama Fluegels, Kashiwa Reysol e Sanfrecce Hiroshima (*Japão*). Além de toda essa peregrinação, Sampaio teve passagens pela seleção brasileira. Na Copa

do Mundo de 1998, fez o primeiro gol do torneio no encontro entre Brasil e Escócia. Ainda marcou mais dois no jogo diante do Chile – cujo goleiro, na oportunidade, era Tapia, atual arqueiro do Peixe, time contra o qual Sampaio estreou no São Paulo em 10 de julho. Embora não tenha saído com o título, garante que ficou satisfeito com sua participação. “Para mim, foi muito boa. Fiz três gols.” Sua chegada ao Morumbi lhe garante a condição de quarto atleta, na história, a vestir a camisa de todos os quatro grandes clubes do Estado (*os outros são Müller, Neto e Cláudio Cristhóvam de Pinho*). Parceiro de Cuca nos gramados – atuou ao lado do técnico tricolor no Palmeiras em 1992 –, passa a

comandado dele. “Temos mais intimidade. Apesar de que agora o relacionamento e o tipo de respeito são diferentes.” À nação são-paulina, não promete gols bonitos, como aquele que fez no próprio Tricolor em partida válida pelo Brasileiro de 1993, mas garante vontade de jogar. “Não posso prometer nada. Mas podem esperar o meu melhor. Se tiver oportunidade de marcar, igual acho difícil, farei”, afirma o atleta, que, na seqüência, conta tudo sobre sua vida profissional, suas pretensões e suas aventuras na Espanha e no Japão.

Você começou a jogar futebol de salão no São Paulo com 14 anos. Por que mudou?
Na época, jogava futebol de sa-

lão aqui e de campo no Centro Educacional do Jabaquara. O treinador de lá era o Lima, antigo jogador do Santos. Ele tinha um relacionamento muito legal com o pessoal da Baixada Santista. E, então, me perguntou se não queria ir para lá fazer um teste. Já tinha feito no Palmeiras e no Nacional. Mas não passei. Como fui aprovado no Santos, fiquei. Isso foi em 1983. **Jogar nos quatro grandes clubes de São Paulo é coisa para poucos...** É muito legal. No Brasil, os números mostram que o futebol paulista sempre foi muito bem representado. Se fizer um retrospecto em termos de Campeonato Brasileiro, os quatro grandes daqui ficarão na frente. Como é um Estado que se

destaca, realmente me sinto privilegiado. Vestir a camisa do São Paulo é uma honra. Também tem esse sabor a mais de ser o time em que comecei. É legal iniciar e poder encerrar no mesmo clube.

Como foi sua passagem por esses times?

Comecei nas categorias de base do Santos e fui para o profissional em 1986. Fiquei lá até 1991. Em termos de conquista, conquisei apenas o primeiro turno do Paulista de 1986. Mas fui eleito o melhor jogador, com direito a Bola de Ouro, em 1990. Quando saí, fui para o Palmeiras. Aquele foi um ano muito difícil. A cobrança estava sendo muito grande. Tinha o negócio da fila. Passamos dificuldades com os torcedores por causa das derrotas. Com a Parmalat, a equipe se fortaleceu. Lá, ganhei dois Brasileiros, dois Paulistas, dois torneios Rio-São Paulo e fomos vice-campeões no Paulista em 1992. Perdemos, justamente, para o São Paulo. Depois, fui para o Japão. Voltei para o Palmeiras de novo. E, em 1999, conquistamos a Libertadores. A final do Mundial Interclubes perdemos para o Manchester United. Na sequência, fomos vice da Libertadores e conquistamos mais um Rio-São Paulo. Então segui para o La Coruña. Retornando ao Brasil, defendi o Corinthians. Fiquei três meses e fiz apenas nove jogos lá. Meu contrato era com a Hicks Muse, empresa que acabou saindo. Não deu para renovar e meu destino acabou sendo o Japão.

Você jogou com Cuca no Palmeiras em 1992. Como será ter de treinador um ex-parceiro dos gramados?

Facilita porque temos mais intimidade. Apesar de que agora o relacionamento e o tipo de respeito são diferentes. É nosso comandante direto. Portanto, temos de acatar as ordens que ele passa. O Cuca é uma pessoa por quem tenho imenso carinho e admiração em virtude do trabalho que vem fazendo e que já fez.

O Cuca falou que você tem o dom de transformar o ambiente do clube em que joga. Qual é sua mágica?

É o trabalho mesmo. Não existe mágica. Nem fórmula. Como gosto muito de música, comecei

a aprender teclado. Mas as aulas eram chatas. Eu tinha de ficar dedilhando uma hora. Queria, porém, chegar e tocar. É como no inglês. O pessoal quer entrar na escola e sair falando em duas semanas. No futebol, também é assim. Temos de trabalhar, além, é claro, de gostar do que fazemos.

Você sempre é alegre, alto astral?

Difícilmente, irão me ver triste. Não gosto de perder. Mas, quando isso acontece, não apelo. Ainda não aprendi a perder. E nem quero (*risos*). Na vida, aceitei determinadas coisas, sim. Mas sempre que trabalhamos é para vencer.

Os tricolores não se esquecem daquela partida entre São Paulo e Palmeiras, em 1993, em que você driblou três jogadores e o goleiro Zetti para marcar um golaço. Chegou o momento de dar o troco nos palmeirenses?

Não posso prometer nada. Mas os são-paulinos podem esperar o meu melhor. Se tiver oportunidade de marcar, igual acho difícil, farei. O mais importante é a bola entrar. Bonito ou feio, um gol pode valer três pontos na tabela de classificação.

O torcedor são-paulino é bastante exigente. Como você espera lidar com ele?

Quando somos cobrados, terminamos trabalhando mais para corrigir as falhas. Jogar em clube grande é sinônimo de ter cobrança. Sempre vai existir. Nessa altura da minha vida, já aprendi a conviver com isso. Não encaro com naturalidade. Mas procuro saber da minha posição. Para onde fosse no Brasil, seria tido como um jogador referência. E entendo isso. Depois da desclassificação da Libertadores, alguns atletas do elenco terminaram sendo sobrecarregados. Minha vinda é boa nesse sentido. Posso aliviar um pouco da responsabilidade deles. Estou à disposição e nunca tive medo de cobrança ou crítica. Mas, agradar a todo mundo, nunca vamos conseguir...

O fato de você ter 36 anos não pode gerar cobranças ainda maiores?

O atleta na minha idade não pode jogar bola. Se o mais novo vai mal, vão dizer que aquele não

era o dia dele, que estava bem marcado ou que o campo estava ruim. Mas, se o jogador da minha faixa etária não vai bem, é simplesmente porque é mais velho. Por isso, me preparo para que, a cada jogo, possa colocar em prática meu melhor. Independente das críticas e das avaliações das pessoas que estão de fora, tenho de ficar contente comigo mesmo. Acho que só chega a essa idade e jogando num time grande alguém que se cuidou, respeitou os limites do próprio corpo. Noite de sono é fundamental. Bebida alcoólica não pode haver. Tem de se abster para que possa corresponder. Fiz isso minha vida inteira. Não será diferente aqui.

Ser atleta de Cristo facilita nisso?

Muito. Ser de Cristo é viver melhor. Isso não quer dizer que, por ser cristão, eu não sofra nem

tenha problemas. Mas possui essa força em Deus para superar as adversidades e manter os pés no chão na hora das conquistas e das alegrias. Às vezes, as pessoas falam: "Você é o melhor". Mas tenho ciência de que não é assim.

Como é o divertimento de um jogador de futebol religioso?

Adoro minhas filhas e minha esposa. Tenho uma vida familiar muito legal. Vou a teatro e a cinema. Meu relacionamento com meus pais é maravilhoso. Também gosto muito de música. Agora até pretendo aprimorar alguma coisa.

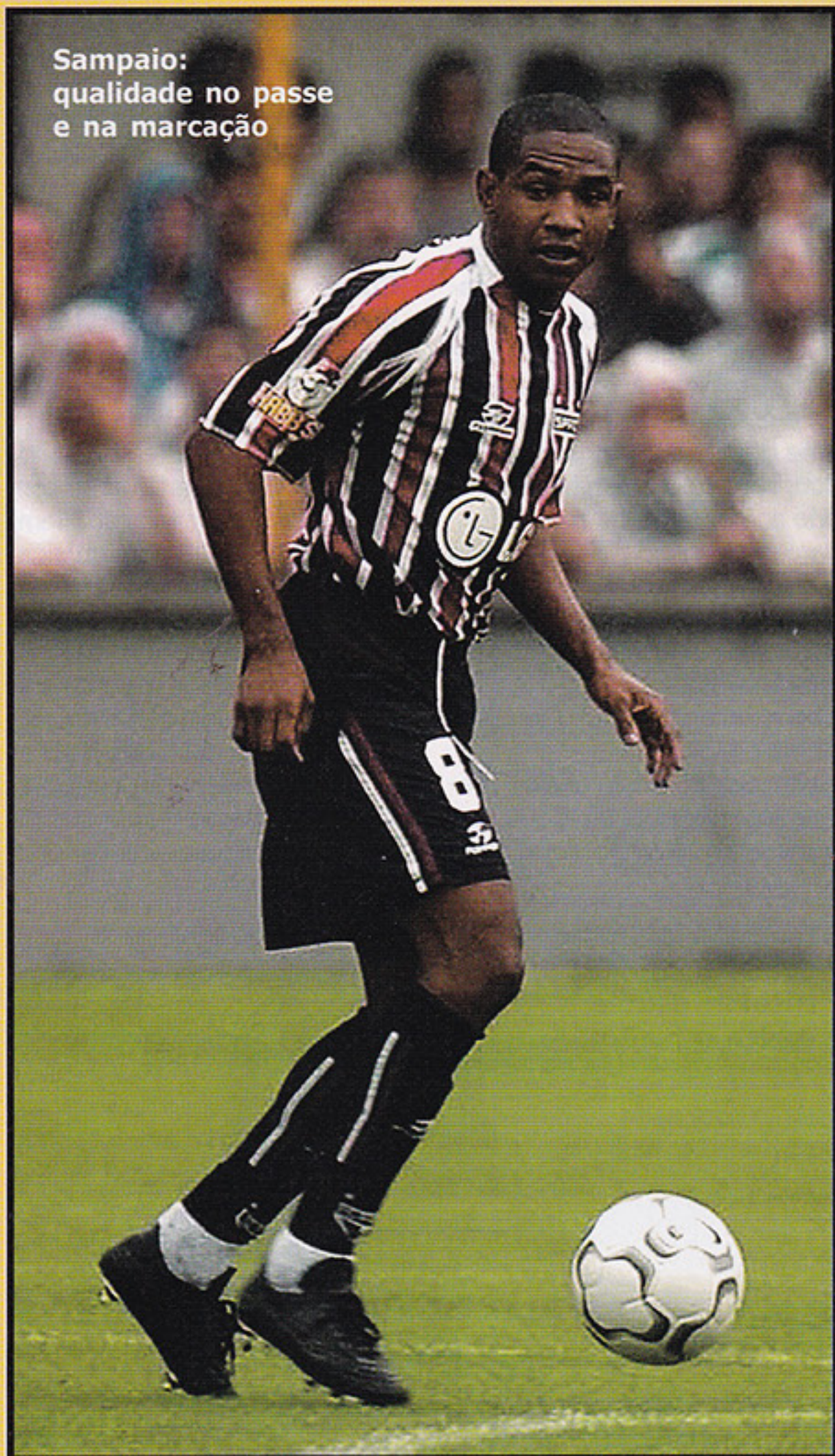
Quando descobriu a fé?

Foi em Santos por meio do trabalho dos atletas de Cristo. Até então, achava crente muito chato (*risos*). Pensava que era aquela pessoa que só queria seu dinheiro ou que queria enfiar uma

Com o uniforme tricolor: estréia contra o Santos



Sampaio:
qualidade no passe
e na marcação



bíblia embaixo do seu braço e falar para você fazer isso ou aquilo. Ou então coisa de velho. Mas descobri um Deus legal. Que vai comigo aonde eu vou, que fala minha língua. Quando estou caído, ele me ajuda. As pessoas necessitam desse Deus. Digo hoje que não é a religião, mas, sim, seu relacionamento com Deus, que é algo muito importante para qualquer um, fundamental. Fazemos planos, traçamos objetivos em termos materiais. Mas a felicidade está nas pequenas coisas. Foi isso que Deus me deu.

Há jogador que usa isso como marketing?

Acho que sim. Não só jogador, como pastor e profissionais de muitas outras áreas. Isso é o que acaba denegrindo a imagem de

Deus. Mas a bíblia diz que as pessoas vão prestar contas do que falam. Não se deve usar o nome Dele em vão. Não cabe a mim julgar, mas não ponho o dedo em muitas coisas com as quais não concordo, porque também tenho meus defeitos.

Mas há atleta de Cristo que bate até na sombra...

Tem, sim. E faz muito mais coisa (risos).

Você jogou na Espanha e no Japão. Como foram essas experiências?

Na Espanha, começou muito bem. Em dois meses, já tinha sido supercampeão. Era um time muito bom. Tive oportunidade de fazer 17 jogos, cinco pela Champions League e o resto pelo Campeonato Espanhol. Nessa época, estava na seleção bra-

sileira, disputando as eliminatórias para a Copa de 2002. Mas me machuquei. Tive um problema nos tendões. Como passei por duas cirurgias, não pude dar continuidade. A vida na Europa é maravilhosa. Tinha tudo para ser muito legal. Não fosse a contusão. No Japão, também foi legal. Mas, no início, foi muito difícil. O Yokohama Flugels, que me contratou junto com o Evair e o Zinho, tinha quatro jogadores da seleção japonesa. Todo mundo dizia que aquele era o time que seria campeão. Mas acabamos ficando em penúltimo lugar no campeonato (risos). Tivemos dificuldade de adaptação em relação à língua, à cultura, à comida e ao futebol. Eles erram do ponto de vista tático. É muita correria. Não tem esse negócio de administrar resultado. Acaba sendo emocionante. No segundo ano, porém, a coisa melhorou. Conseguimos conquistar a Copa da Ásia, fomos vice-campeões do primeiro turno da liga japonesa e vice-campeões da Copa do Imperador, da qual fomos campeões no meu último ano. Isso tudo foi na primeira passagem. Na segunda, quando saí do Corinthians, fiquei no Kashiwa, que é um time intermediário. Na sequência, fui para o Hiroshima, equipe que tinha caído para a Segunda Divisão e que não tinha tradição de contratar brasileiro. Mas terminaram levando para lá comigo o Marcelo Ramos e o Ricardo. Conseguimos subir para a Primeira e fui eleito o melhor jogador do campeonato em 2003. Este ano, entretanto, montaram uma equipe para não cair. A pretensão deles é investir somente em 2005. Por isso, resolvi sair. No meu modo de pensar, sempre joguei para vencer. A filosofia implantada na equipe não foi legal. Eles me ofereceram algumas outras coisas. Queriam que me tornasse treinador. Até existem alguns projetos futuros para eu voltar ao Japão. Esse clube abriu, totalmente, as portas para mim. Mas disse que, no momento, não poderia assumir um compromisso desses. Tenho de me preparar. E antes quero jogar. Para fazer o que eles desejavam, precisaria estudar, mon-

tar um projeto e apresentar alguma coisa concreta.

Como é a diferença de estrutura do futebol entre esses países?

A estrutura do São Paulo é muito boa em relação aos times pelos quais já passei. É incomparável. Estou muito impressionado nesse primeiro contato. Nesse assunto, é difícil competir com o mercado europeu e até mesmo o asiático, financeiramente falando. Todas as equipes do Japão são patrocinadas por multinacionais fortes. A condição lá é muito boa. Os clubes têm seu centro de treinamento com campos muito bons e infra-estrutura com sala de ginástica para que você possa trabalhar à vontade. A maior dificuldade são os profissionais. Há um monte de Ferrari, mas não existe Schumacher (risos). A medicina esportiva japonesa, por exemplo, está atrasada. Mas o país só tem uns 12 anos de profissionalismo. No começo, levaram muitos jogadores. Hoje, no entanto, estão importando pessoas da área esportiva que possam ajudar a desenvolver, por exemplo, o próprio biótipo japonês, alguma coisa que possa fortalecer. Daqui a uns cinco anos, o Japão vai começar a incomodar. Porque tem jogador de qualidade. Há muitos atletas lá que, se bem orientados e trabalhados, podem estourar. Nesse último mundial, Coréia e Japão surpreenderam.

E em termos de organização?

Os japoneses são perfeitos. Um mês antes do campeonato, há datas e locais definidos. Existe pré-temporada para o meio do ano. Na Espanha, não é bem assim.

No que o futebol brasileiro ganha?

Na qualidade. O Brasil é o país do futebol, assim como os Estados Unidos são o do basquete. Lá, os garotos nascem abençoados. Por mais que se pegue um menino e o ensine durante oito horas por dia em outro lugar do mundo, jamais ele terá a magia do norte-americano. Digo o mesmo em relação ao nosso futebol. Todo ano saem dez ou 12 jogadores. Mas aparecem dez ou 12 iguais ou melhores. Vai embora mais um montão e aparecem outros. O Brasil é um país abençoado e com profissionais muito

bons. Não tem como dizer que não. É só pegar os números. Somos pentacampeões. Contra fatos não há argumentos.

Você se adaptou bem à cultura desses povos?

A Espanha é muito legal. Coruña fica a 300 quilômetros do Porto, Portugal. Por isso, falam um dialeto que é a mistura do português com o espanhol. Isso facilitou bastante, além dos brasileiros que já estavam lá. A comida é boa e a cidade, bem legal. A alegria deles é o time. Os jogadores são sempre bem recebidos. Minha adaptação foi fácil. No Japão foi diferente. No primeiro ano, a maior dificuldade que tivemos foi decorar os nomes e associar às pessoas. Todos tinham cabelo preto, olho puxado e mesma estatura. Era tudo igual (*risos*). Agora, dou risada. Mas demorei uns seis meses para decorar tudo. E ainda confundia. A cultura deles é totalmente diferente.

Como sua família lidou com isso?

O principal motivo por não ter continuado no Japão foi familiar. Minha filha mais velha, hoje com 11 anos, na época com cinco, estava triste. Ela tinha acabado de entrar na pré-escola. E os meninos tratam as meninas com inferioridade. Às vezes, até batem, assim como certos professores. Ela ficou meio traumatizada. Lembro que uma vez foi um rapaz à minha casa fazer contrato de chuteira e ela disse que não queria japonês lá. Estava difícil. Acabei voltando por causa disso. Na nossa segunda passagem, fomos para Hiroshima, que é uma cidade diferente. Depois da bomba, foi totalmente reconstruída por norte-americanos. É um lugar, até por tudo que passou, que acabou aceitando melhor os estrangeiros. Não é tão tradicional quanto os outros locais em que vivi. É mais aberto. As crianças lá estudaram numa escola internacional. Nosso relacionamento era mais com estrangeiros do que com japoneses.

Sua esposa, que é jornalista, ajudou você a aprender outros idiomas?

Ela fala inglês, espanhol e um pouco de japonês. E me ajuda muito até hoje. Só fiquei tranquilo por causa dela. Em termos familiares, ela segurou, legal, a onda. Soube educar

bem as crianças. Minhas filhas seguiram os passos dela. Ou seja, também falam inglês, espanhol e até japonês. A de cinco anos não sabe escrever nem ler. Mas fala inglês. É muito bacana.

Como nasceu esse flerte com o São Paulo?

Estive para vir em outras ocasiões. Pelo menos antes de ir para o Santos e no ano retrasado. Desta vez, quando terminou meu

Falo que há quatro jogadores que são meus ídolos que passaram pelo São Paulo: Alemão, Falcão, Toninho Cerezo e Bernardo. Todos atuaram na minha posição e no Tricolor. Jogavam bonito. Eram de meio-de-campo. Mas não faziam falta. Tinham qualidade no passe e faziam gols. Também faziam a articulação de meio-de-campo com o ataque. Espero não deixar essa

“Falo que há quatro jogadores que são meus ídolos que passaram pelo São Paulo: Alemão, Falcão, Toninho Cerezo e Bernardo. Todos atuaram na minha posição e no Tricolor”

contrato, apareceram outros clubes interessados. Mas meu representante veio para cá e acabou entrando em contato com o Cuca, o Carlinhos Neves (*preparador físico*) e o Marco Aurélio Cunha (*superintendente de Futebol*), que são pessoas que eu conhecia. E a coisa foi evoluindo. Fiquei muito feliz, porque, além do grande clube que é o São Paulo e de todas as condições que nos proporciona, voltar a trabalhar com pessoas que a gente já conhece, num time que está lutando por uma conquista, que tem história, que representou o Brasil e foi campeão mundial duas vezes, é muito gratificante. No Japão, falava-se que o Tricolor conquistaria a Libertadores. A promoção da Copa Toyota ficaria mais fácil. Agora, com o Once Caldas, vai ser difícil (*risos*). Vi alguns japoneses falando que ficaram tristes porque esperavam que o São Paulo fosse chegar, pois é um time com muitos torcedores lá.

Um caso especial no São Paulo de atleta que chegou mais experiente e fez a diferença é o de Toninho Cerezo, que foi campeão do mundo naquele time do Telê. Isso é um bom preságio, é animador?

peteca cair.

Na Copa da França em 1998, você fez o primeiro gol do torneio, na partida contra a Escócia. Foi emocionante?

Nem eu acreditei. Em 1990 e 1994, fui eleito o melhor jogador do Campeonato Brasileiro. Mas acabei não indo para a seleção. Em 1998, estava no Japão. Pensei que não haveria jeito (*risos*). Mas o Zagallo me levou. No futebol, é preciso estar preparado para as oportunidades. Elas aparecem quando menos se espera. E foi isso que aconteceu. Como o Flávio Conceição se machucou, terminei indo para a Copa. Infelizmente, perdemos para a França. Mas, para mim, a competição foi muito boa. Fiz três gols. Dois contra o Chile.

O Brasil tinha tudo para ganhar aquela Copa. O que de fato aconteceu?

Não que a França não tivesse condições de ganhar. Pelo contrário. Tinha uma grande equipe. Todos os jogadores hoje são os melhores da Europa. Mas o Brasil não jogou nem 50% do que vinha apresentando durante a competição. O que aconteceu com o Ronaldo

teve uma influência direta na preparação. Não perdemos o jogo por causa dele, é claro. Mas, emocionalmente, o time não estava equilibrado.

Você ainda mantém uma empresa com o Rivaldo que gerencia o futebol do Figueirense?

Saí dela há dois anos porque estava no Japão. Montamos um clube, o Guaratinguetá, que acho que está na série A-2, e, depois, fomos para o Figueirense. Fizemos um trabalho de gerenciamento lá. Essa empresa existe ainda. O Rivaldo continua sendo um dos sócios, juntamente com uma outra pessoa. Até existe a possibilidade de eu retornar, mas só quando parar de jogar futebol. Não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Fico muito feliz porque há oito jogadores no Figueirense hoje que jogavam no Guaratinguetá e o Figueirense está muito bem. Conseguimos ajudar os meninos. Um foi para o Barcelona. O Triguinho está no São Caetano. O Fernandinho foi para o Gamba Osaka.

Você pensa em investir nisso?

Penso, primeiramente, em fazer faculdade. Pretendo começar, agora, a fazer um curso de Administração com ênfase em Administração Esportiva. Também pretendo cursar Educação Física. Ainda estou chegando. Preciso ajeitar tudo. Não adianta ter só experiência jogando. É preciso se preparar. Para dar ordem, tem de saber fazer. Para ser chefe, comandar alguma coisa, tem de conhecer tudo. E é isso que quero fazer. Fiz um curso de ensino a distância no Japão que o MEC oferece para brasileiros que estão fora do país. Foi difícil, mas consegui passar direto. Voltei a estudar e fiquei fascinado.

Você fez cursos de idiomas também?

Fiz japonês. Inglês foi em casa com minhas filhas. Foi a mais velha que me deu aula. Ainda preciso dar uma melhorada. O japonês está um pouco melhor porque eu convivia com eles. Fica mais fácil. É o que você usa mais. Fiz três meses de aula e o resto aprendi no dia-a-dia.

Telão



“Disseram que ele parecia meu pai e que a gente era muito parecido. Espero ter a mesma estrela que ele tem”

ALÊ a respeito de César Sampaio
(Lance! de 9 de julho)

“Somos parecidos, mas sou mais bonito que ele. Vou procurar sempre orientá-lo em campo”

CÉSAR SAMPAIO dando o troco no companheiro Alê
(Lance! de 9 de julho)

“Jogar no São Paulo é uma evolução em minha carreira. Estou muito feliz. Adaptação não será problema. Não tenho problemas com isso”

RONDÓN (Lance! de 3 de julho de 2004)

“A maior diferença é que, jogando no São Paulo, eu podia ir treinar de bermudas e chinelos”

KAKÁ referindo-se à obrigação milanesa de vestir termo e gravata
(revista PHT de julho)

“Minha família toda é são-paulina! Cresci ouvindo essa torcida e me juntei a eles”

SHEILA MELLO, bailarina e atriz

“Com certeza vamos contratar reforços, mas respeitando a mesma política salarial que o clube já tem. Não vamos fazer loucura”

MARCELO PORTUGAL GOUVÊA, presidente do SPFC
(Lance! de 19 de junho)

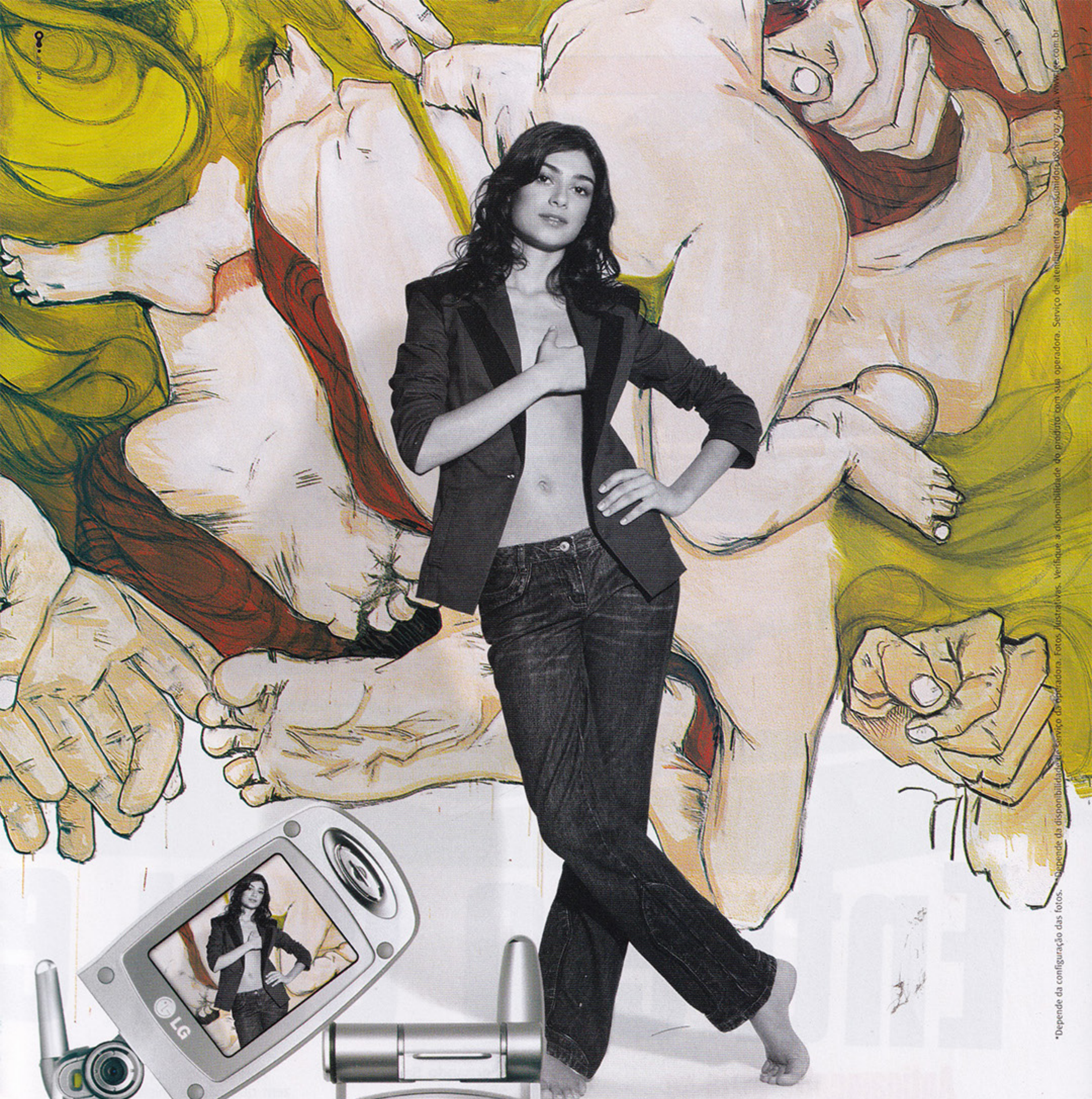


“Com o elenco e a estrutura que o São Paulo tem, só tenho que pensar em ser campeão”
CÉSAR SAMPAIO
(Site oficial do São Paulo, em 7 de julho)

“Ele é um lutador na área, não desiste nunca”
CUCA sobre Rondón
(Jornal da Tarde de 12 de julho)

“Eu ouço muita gente dizer que sou lento, mas não é nada disso. Acontece que tenho uma passada larga e isso engana quem está fora de campo”
DANILO
(JT de 12 de julho)

“Às vezes, algumas situações deixam você nervoso. É difícil segurar; ninguém tem sangue de barata”
CICINHO sobre as expulsões dos atletas tricolores
(Diário de São Paulo de 13 de julho)



Agora, sua voz
também é fotogênica.

 **LG** Life's Good

G7100. Você com liberdade de expressão.
Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



*Depende da configuração das fotos.

Depende da disponibilidade de Serviço do Operadora. Fotos Ilustrativas. Verifique a disponibilidade do produto com sua operadora. Serviço de atendimento ao consumidor: 800 707 5454. www.lg.com.br



Entre o céu e

Antigamente, dizia-se que cobrar PÊNALTI era tanta responsabilidade que o batedor deveria ser o próprio presidente do clube

Por Fernando Savaglia

Se as cobranças de pênaltis durante as partidas já criavam enorme expectativa, o desafio de decidir títulos por meio de tiros livres diretos tornou-se legítimo martírio para os cardíacos nas arquibancadas. E teste de fogo para os atletas.

Como a pressão sobre o cobrador é enorme, pode-se afirmar que a distância que separa as traves da marca em que a bola é colocada - 11 metros - é um espaço capaz de levá-lo para o céu ou para o inferno.

Apesar da tensão, muitos dizem que não há mistérios nem segredos para bater esses tiros livres diretos. Um chute forte e rasteiro no canto encerraria a discussão. A história do futebol, porém, prova que essa é uma arte para poucos, o que vai ao encontro do porquê, há tempos, deixou de ser considerada loteria.

O duelo entre cobrador e goleiro lembra os velhos filmes de banguê-banguê, em que dois pistoleiros travavam uma guerra psicológica antes de sacar a arma. Ao longo de seus anos de vida, o São Paulo perdeu algumas impor-

O QUE A REGRA DIZ

- 1) Será concedido um tiro direto contra a equipe que cometer faltas que levem a um pênalti enquanto a bola estiver em jogo.
- 2) Um gol poderá ser marcado diretamente de uma penalidade.
- 3) Será concedido tempo adicional para poder executar um tiro penal ao final de cada etapa ou dos períodos suplementares.

POSIÇÃO DA BOLA E DOS JOGADORES

A bola será colocada na marca do pênalti;
 O executor deverá ser devidamente identificado;
 O goleiro defensor tem de permanecer sobre sua própria linha de meta, diante do bater, entre os postes, até que a bola esteja em jogo;
 Os jogadores, exceto o executor do tiro, estarão colocados no campo de jogo, fora da área penal e atrás da marca do pênalti a uma distância, no mínimo, de 9,15 m do ponto penal.

O ÁRBITRO

Não dará o sinal para execução da penalidade máxima até que todos os jogadores se encontrem colocados em uma posição conforme a regra estabelece.

PROCEDIMENTO

O executor da penalidade chutará a bola para frente;
 Não poderá voltar a jogar a bola até que esta não tenha tocado em outro jogador;
 Ela está em jogo no momento em que é chutada e se põe em movimento.

[Texto retirado do site do Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo (www.safesp.org)]

o inferno

tantes partidas nesse tipo de decisão. A mais recente foi contra o River Plate, da Argentina, na Copa Sul-Americana de 2003. No jogo que valia passagem para a final, o Tricolor viu todo seu esforço em construir um placar de 2 a 0 no Morumbi – no primeiro encontro, em Buenos Aires, havia perdido por 3 a 1 – desmoronar em duas cobranças. O atacante Souza e o zagueiro uruguaio Diego Lugano erraram. Por outro lado, o São Paulo conquistou campeonatos dessa maneira, como dois Brasileiros (1977/1986), um Paulista (1975) e uma Libertadores (1992).

Considerado um dos grandes beques da história do São Paulo, o polivalente Alberto Chuare, que ficou conhecido como Turcão, construiu fama atuando na lateral-direita e no miolo de zaga durante os anos 50. Foi o bater oficial do time enquanto jogou e, ainda hoje, é tido como um dos maiores cobradores (*senão o maior*) que passaram pelo clube. Dos 37 gols que anotou com a camisa das três cores, 31 foram de penalidades. Sempre usando o peito de pé, ele tem uma receita na ponta da língua. "A maioria das minhas cobranças era rasteira e no canto. Sempre olha-

va para o goleiro. É fundamental ter sangue frio e saber, de antemão, o que fazer."

Em sua época, os campeonatos eram disputados em sistema de pontos corridos. Portanto, não ocorriam os terríveis tiros livres diretos após a prorrogação.

O MOMENTO QUE PRECEDE O CHUTE

Os goleiros têm uma situação um pouco mais confortável no momento dos pênaltis. Porque a obrigação maior é dos cobradores. Nesse jogo de pôquer, em que o blefe sempre é usado, al-

guns desenvolveram verdadeiras cartilhas a respeito da arte de praticar defesas.

Em se tratando de atletas dessa posição, o time do Morumbi é privilegiado, pois sempre contou com especialistas de primeira. Em 1986, Gilmar Rinaldi teve vital participação na conquista do Campeonato Brasileiro. Em 1992, foi a vez de Zetti brilhar como grande herói do título da Libertadores. E, atualmente, o dono da camisa um tricolor é o pentacampeão Rogério Ceni, que, além de exímio cobrador, destaca-se fechando o gol em penais, como na partida dian-

Conquista da Libertadores de 1992: festa depois das penalidades



DIVULGAÇÃO

O título brasileiro de 1977: Waldir Peres, o salvador



DIVULGAÇÃO

O DIA EM QUE O GALO NÃO CANTOU

A decisão do Campeonato Brasileiro de 1977 foi, simplesmente, dramática. Desfalcado de Serginho Chulapa, seu principal jogador, o São Paulo foi a Belo Horizonte enfrentar o Atlético-MG na tarde de 5 de março de 1978. E o favoritismo do Galo desapareceu quando o juiz Arnaldo César Coelho apitou o início do jogo. Com um time limitado tecnicamente, o São Paulo, dirigido de forma brilhante por Rubens Minelli, anulou o perigoso ataque da equipe mineira. A decisão nos pênaltis comprovou o talento de Waldir Peres e confirmou que sua atuação na final do Paulistão de 1975 contra a Portuguesa não tinha sido acidente. Defendeu um cobrado por Joãozinho Paulista e catimbou o suficiente para provocar o erro de Toninho Cerezo - na época, um dos mais badalados atletas do Atlético - e do zagueiro Márcio. Quando este se preparava para bater, o goleiro não lhe dirigiu a palavra. "Normalmente, falaria que ele erraria ou qualquer coisa assim. Mas, daquela vez, não disse nada. Só passei a mão na bunda (sic) dele", diverte-se Peres, ao relembrar o lance que deu o primeiro título brasileiro ao São Paulo.



Rogério Ceni: ótimo batedor...

RUBENS CHIRI



...excelente pegador

RUBENS CHIRI

"Tem de esperar o máximo, até que ele se defina. E, mesmo assim, se não esboçar nada, o negócio é bater forte no canto, dificultando o trabalho dele"
ROGÉRIO CENI

te do Rosario Central, da Argentina, pelas quartas-de-final da Libertadores deste ano. Ceni afirma que o arqueiro deve abastecer-se de informações sobre o estilo do batedor, sabendo, por exemplo, em que posição atua. "Um zagueiro costuma chutar diferente de um atacante. Também é importante ficar atento à distancia que ele toma da bola." Não desmerecendo a importância desses três excepcionais goleiros, entre tantos outros que

vestiram a gloriosa camisa tricolor, o são-paulino com um pouco mais de idade talvez se recorde facilmente de um nome quando discuta sobre penais: Waldir Peres. Em sua longa estada no clube, quase dez anos, participou de duas vitórias sensacionais em que seu sangue frio e sua habilidade foram determinantes. Na final do Paulista de 1975, contra a Portuguesa, e no primeiro título brasileiro, em 1977, diante do favorito Atlético-MG, ele consolidou a reputação de

pegador de pênaltis e mestre em desestabilizar os adversários. "Já que o cara que vai bater tem a obrigação de fazer, a gente aumenta a responsabilidade dele. Até porque, dependendo de quem for, acaba se desequilibrando emocionalmente. Eu costumava tirar proveito disso." E como.

Diante da Lusa, conseguiu a proeza de não ser vazado nenhuma vez. Pegou dois e ainda irritou Wilsinho a ponto de este, visivelmente sem condições psicológicas, chutar para fora. O resultado foi 3 a 0 para o São Paulo. "É fundamental ficar atento ao posicionamento, ao olhar, à maneira de correr e ao movimento no instante que antecede o chute. Ainda assim, na maioria das vezes, é preciso arriscar um canto", ressalta Peres.

Num amistoso contra a Alemanha em 1981, pela seleção brasileira, defendeu dois tiros livres cobrados pelo meia Breitner. "Eu tinha informações de como ele batia. Sabia que o jogador era destro e técnico. Não daria, portanto, pancada. Percebi o posicionamento que ele tomou na frente da bola, o que me deu uma noção em relação ao canto em que iria bater", lembra-se.

O PÊNALTI INDEFENSÁVEL

Se os goleiros têm fórmulas para evitar que o pior aconteça, os batedores também possuem artimanhas para balançar as redes sem dar-lhes a menor chance. "O pênalti indefensável é aquele batido no ângulo e de forma violenta. Não existe como pegar. É, porém, perigoso. Porque há o risco de acertar a trave ou mandar para fora", garante Turcão.

Na condição de cobrador, Rogério Ceni argumenta ser praticamente impossível descobrir para que lado o arqueiro arriscará o pulo. "Tem de esperar o máximo, até que ele se defina. E, mesmo assim, se não esboçar nada, o negócio é bater forte no canto, dificultando o trabalho dele."

Para Waldir Peres, um tiro bem dado, dificilmente, pode ser defendido. "A não ser que se dê uma adiantada. Sem esse recurso, a chance é zero. É normal o goleiro sair antes da cobrança." Segundo Turcão, esse expediente deveria ser inibido, pois os goleiros estão saindo muito cedo do gol. "Antes de o adversário tocar na bola, alguns já estão quase na

pequena área. Antigamente, os atletas obedeciam mais aos árbitros."

A regra atual permite a movimentação lateral dos arqueiros, mas continua valendo a determinação da FIFA de que só podem se adiantar depois de o cobrador bater a penalidade. A famosa paradinha também suscita polêmicas. Utilizada por Pelé, consiste em o batedor interromper sua corrida em direção à bola e esperar o goleiro escolher o canto. "Isso anula todo o raciocínio que o arqueiro tinha feito", diz Peres.

A entidade máxima do futebol nunca se pronunciou de forma oficial sobre a paradinha, embora já tenha pedido que os juizes a coibissem. "Essa recomendação caiu anos atrás, quando permitiram que os goleiros se deslocassem para os lados", esclarece Gustavo Caetano Rogério, ex-diretor da escola de árbitros da Federação Paulista de Futebol e instrutor nacional de arbitragem.

O ex-juiz Oscar Roberto de Godoi, comentarista da TV Record, aponta outro fator que pode ter gerado complicações na aplicação da regra. "As vezes, na tradução para o português, pois a redação foi feita em inglês, há uma pequena distorção", acredita. "O original informa que o atleta, quando vai cobrar o pênalti, não pode ter uma corrida fracionada. Mas, depois que parou, ele não voltou a correr? É um caso que depende da prática e da interpretação do árbitro", complementa.

Gustavo Caetano Rogério consultou a International Board, órgão que regulamenta as regras do futebol, a esse respeito, mas não obteve resposta. O texto diz, apenas, que o jogador tem de correr constantemente rumo à bola. "O que se entende por isso é subjetivo. Na prática, tem se permitido a paradinha. E nem a FIFA e nem a Confederação Sul-Americana de Futebol questionam."

Godoi, porém, usa um argumento para tentar explicar o porquê dessa omissão. De acordo com ele, o pênalti é uma punição para que o gol seja marcado. Por isso, o ataque deve ser beneficiado. "Tudo aquilo que é permitido ao goleiro em termos de movimentação tem de ser compensado ao atacante na hora da batida. A arbitragem deve ser rigorosa com quem defende e não com quem cobra", explica.



São Paulo e Palmeiras empataram por 4 a 4 em jogo do Brasileiro de 1985; Careca marcou de pênalti, mas, depois, perdeu outro

DIVULGAÇÃO

CONTROVÉRSIAS

A seleção brasileira tem saldo positivo em decisões por pênaltis em Copas do Mundo. Das três vezes que passou pela experiência, venceu a Holanda, na semifinal do mundial de 98, na França, e sagrou-se campeã em 1994, na final realizada em Los Angeles, EUA, diante da Itália, depois de o goleiro Taffarel mostrar suas qualidades. E Baggio, craque italiano, mandar a bola na arquibancada.

Um fato inusitado, porém, gerou enorme polêmica na disputa entre Brasil e França, nas quartas-de-final do torneio mundial do México, em 1986. Após o resultado de 1 a 1 persistir no tempo normal e durante os 30 minutos da prorrogação, a vaga para a fase seguinte foi definida nos pênaltis. Foi a primeira vez em que o Brasil decidiu sua sorte dessa maneira em Copas.

Se a vitória da equipe liderada em campo por Michel Platini por 4 a 3 provocou enorme frustração na torcida brasileira, o goleiro Carlos protagonizou uma cena que doeu ainda mais. Ao tentar fazer uma defesa, pulou no canto certo. Mas a bola acertou a trave. E, na volta, bateu nas costas dele, indo descansar no fundo da rede.

Até 1986, não havia nenhuma instrução específica sobre situações daquele tipo. "A partir do momento em que aconteceu, a FIFA se preocupou em definir que, no tiro de pênalti, a cobrança só terminaria quando a bola parasse ou saísse", explica Gustavo Caetano Rogério.

Aquele lance, que suscita discussões ainda hoje, gerou, durante anos, dúvidas em relação à regra. "Na época, houve muita controvérsia, tanto que o jornalista Orlando Duarte, que era chefe da delegação brasileira, contestou a decisão, pois, na ocasião, a regra era omissa," afirma Rogério.

INACREDITÁVEL!

O dia 4 de julho de 1999 foi inesquecível para Martín Palermo, da Argentina. Em partida pela Copa América, disputada no Paraguai, contra a seleção da Colômbia, o juiz paraguaio Ubaldo Aquino assinalou três penalidades para os argentinos. A primeira cobrança explodiu na trave, a segunda foi para bem longe do gol e a terceira ficou nas mãos do goleiro Calleri. O fato é que as três foram desperdiçadas por Palermo. A propósito, a Argentina perdeu por 3 a 0.

O são-paulino Raí também teve seu dia de azar, quando, diante do rival Corinthians, pela semifinal do Campeonato Brasileiro de 1999, não conseguiu converter nenhum dos dois pênaltis que cobrou.

Este ano, a decisão da Libertadores também foi para os tiros livres diretos. Terminou, porém, ocorrendo um festival de erros. Com fama de imbatível nesse tipo de decisão, o Boca Juniors não fez nada. Perdeu os quatro que cobrou. O Once Caldas se deu melhor, conseguindo fazer duas vezes e se sagrando campeão. Coisas do futebol...

Bate-bola

Hora de

CUCA diz que a eliminação da Libertadores mexeu muito com o ânimo do elenco, mas que agora é o momento de o grupo trabalhar com mais profissionalismo e se fortalecer para o segundo semestre

Por Carlos Mesquita

Há alguns meses à frente do comando técnico do São Paulo Futebol Clube, Cuca faz um balanço positivo do trabalho que foi - e está sendo - implementado. Seu maior argumento é o de que a equipe está se superando ao máximo, apresentando, sempre, vontade de ganhar. Ele não se lembra de nenhum jogo que tenha perdido por erro técnico.

Quanto à desclassificação do torneio da Libertadores da América, fala que foi difícil de assimilar. Segundo ele, o Tricolor poderia ter chegado à final. E até ter saído com o título, se acaso não tivesse perdido para a própria falta de experiência. Para reverter o baixo astral que ameaçou instalar-se no Morumbi, cujos efeitos foram sentidos em algumas partidas do Campeonato Brasileiro, encurtou as rédeas. Implantou, imediatamente, a tática do "100% profissionalismo". Deixou de lado os papos "amigáveis e paternalistas" e passou a exigir mais empenho de seus comandados.

Embora não pressione a diretoria em termos de contratações, reconhece que, com o material

humano que tem, conseguirá, no máximo, montar um time competitivo - até o fechamento desta edição, haviam chegado o volante César Sampaio e o atacante venezuelano Rondón. Para ser campeão, porém, sabe que precisará de algumas peças, como um meia com visão de jogo.

Cuca revela, também, que tem uma superstição: não gosta de chegar de ré aos estádios. "Quem anda para trás é caranguejo", brinca. Como bom religioso, carrega sempre um terço no bolso e uma correntinha no pescoço. A seguir, acompanhe os melhores trechos do bate-papo que a **Revista Oficial do São Paulo** teve com o técnico.

A desclassificação na Libertadores não mexeu com o ânimo do grupo por muito tempo, podendo complicar a vida do time no Brasileiro?

Mexeu bastante e ainda tem um resquício. Nos preparamos com todas as forças que tínhamos para conseguir essa conquista. Estávamos determinados. Todo mundo estava dando o máximo que podia. Mas não conseguimos jogar a primeira

partida aqui com o Once Caldas. Caímos na retranca dele, apesar de termos criado várias oportunidades. Se uma bola entra, muda tudo. No jogo de Manizales, fizemos um primeiro tempo ruim. Mas empatamos. Na segunda etapa, fomos melhores do que eles. E, até o final, tínhamos uma defesa bem posicionada. O Gabriel e o Cichinho ficaram na marcação do Araujo, que foi quem fez a jogada do gol. Tínhamos ainda o Fabão, o Rodrigo e o Fábio Santos no Agudelo. Eram cinco para dois. Mas o Araujo, na lateral, passou no meio do Cichinho e do Gabriel. O Fabão saiu para fazer a linha de impedimento e o Fábio Santos correu por trás para sair marcando. Terminou acontecendo aquele gol, que não assimilamos, pois havíamos treinado cobrança de penalidade à exaustão. Também estudamos bastante como eles batiam pênalti. Foi um trabalho de bastidores muito bem-feito. A viagem de volta parecia um velório. Foi horrível. Em Belém, não tivemos Luís Fabiano, Marquinhos e Gustavo Nery, que vieram para São Paulo. Jogamos com o Paysandu muito abaixo do que poderíamos. Mesmo assim, não

era para perder.

Obviamente, foi o efeito da desclassificação, não foi?

Lógico. Terminamos perdendo para o Palmeiras também. Pode-se dizer que parte disso foi reflexo da desclassificação. Mas vimos algumas coisas boas. Parte da torcida, por exemplo, nos incentivou. Porque viu que jogamos no nosso limite. Não faltou vontade. Às vezes, pode faltar alguma coisa. Nunca esse desejo de vencer, que temos de sobra.

Você disse que estava cansado e chateado e não sabia se conseguiria se levantar. Já conseguiu?

De fato, estava doendo. Disse que estava cansado, chateado e que iria levar um tempo para me levantar. Não sei agir se não for com o coração. Mas já estou inteiro de novo. Agora é vida nova. Tenho de trabalhar com o que tenho. Não fico me queixando, falando que meu elenco é pequeno, que meu time é isso ou aquilo, pois sei a dificuldade que é para fazer contratações. Hoje, ainda não estamos no nosso ideal. Estamos resgatando tudo de bom que temos. Há contratos que estão vencendo e jo-

reconstruir



“Estamos trabalhando mais forte e até com menos amizade que antes. Estamos sendo mais duros e profissionais, que é para não cairmos no mesmo erro”

gadores que estão saindo. Há atletas, porém, que vão chegar. Tenho certeza de que vamos fazer um time muito forte para este segundo semestre.

Você, em algum momento, se sentiu ameaçado?

Pelo trabalho que desenvolvo, não. Estou no meu limite, dando meu máximo. Mas, às vezes, isso não é o suficiente, porque alguma coisa não encaixa. Temos de trabalhar com essa condição. Jamais é o que vou querer. Desejo ficar no São Paulo e ser campeão. Nunca trabalhei num lugar tão bom quanto este.

Você passou por alguma situação de cobrança na rua?

Um cara que estava num táxi me xingou de tudo. Chega a doer. Mas ele me passou a idéia de que quer ser campeão.

Qual é sua avaliação desses seis meses à frente do São Paulo?

Muito boa. Apesar de não ter em mãos os números, contando todos os jogos, até mesmo aqueles que fizemos com os times reservas, estamos trabalhando sempre no nosso limite, o que é importante. Não lembro ter perdido alguma partida por erro técnico. Sempre estudamos o adversário. E sa-

bemos o material humano que temos. No futebol, temos de estar preparados para tudo.

Mas não existe time preparado para perder, certo?

O ser humano tem de estar preparado para isso, porque o baque será maior se não estiver. E nós não estávamos. É duro perder quando se sabe que poderia ter dado aquele algo a mais. E isso é não estar preparado. Quando perdemos e saímos carregados de tão cansados, no dia seguinte já estamos inteiros, pois vimos que jogamos com um adversário melhor. Mas não foi isso que ocorreu conosco. Portanto, é uma derrota traumática e requer tempo para reconstruir.

Você disse que só aceitaria perder por méritos do adversário e não para os próprios erros do São Paulo. Mas, infelizmente, foi o que terminou acontecendo, não foi?

Perdemos para nós próprios. Como tomamos gol numa situação daquela? É claro que houve o mérito do adversário. Mas cometemos um erro. Foi falta de maturidade. Se, até aquele momento, não tinha dado para ganhar, que pelo menos não per-

desse. Por isso, dói. Fica aquela sensação de que poderíamos ter ido além.

Como estava o clima para o jogo lá na Colômbia?

Preparei tudo que pude do ponto de vista emocional, técnico e profissional. Escolhemos a melhor cidade. Fugimos da altitude. Fomos para lá apenas na hora do jogo. A torcida foi educadíssima. Não tenho queixa alguma. O pessoal nos recebeu muito bem. Fomos aplaudidos antes, durante e depois do jogo. Gostam demais de brasileiro. Mexemos no emocional, no lado familiar. Tivemos um clima gostoso nos bastidores. Nem consegui acompanhar a reza dos jogadores de tão rápida que foi. Nosso primeiro tempo, porém, não foi nada daquilo que combinamos. O Marquinhos falou: “É hoje. Vamos lá”. Dali a pouco, entretanto, tive de pensar no São Paulo. E esquecer o Marquinhos.

Ele saiu um pouco chateado daquele jogo e do clube.

Quanto ao jogo, eu o tirei com 30 minutos e não lhe dei satisfação. Mas acho que nem precisa. Se quisesse a resposta, era só tentar buscar dentro dele. Em relação à saída do clube, o contrato do Marquinhos ia até 30 de junho. O empregador pode usar o atleta até a data estipulada. O São Paulo está pagando em dia. Não tenho o direito de pensar: “Não posso utilizá-lo agora, pois, depois, não poderá ir para outro time brasileiro”. Tenho de pensar no São Paulo. Vou ter pena de jogador que ganha bem na Alemanha por quê?

Como foi o trabalho da comissão técnica pós-derrota?

A saída que tive foi buscar ainda mais profissionalismo. Estamos trabalhando mais forte e até com menos amizade que antes. Estamos sendo mais duros e profissionais, que é para não cair-

mos no mesmo erro. Estamos mais concentrados e comprometidos. Em todos os sentidos.

Se este é um momento difícil, por outro lado é bom para tentar virar o jogo e até ter crescimento. Não é isso?

Está havendo uma saída natural de jogadores. Já foram três ou quatro e uns dois ainda devem ir embora. Vão chegar outros. Hoje, estamos numa situação instável. Não temos um grupo definido. Conseqüentemente, não existe time formado. Quando montarmos uma equipe com um meia e outras peças que faltam, será diferente. Mas, atualmente, aproveitamos quem está, como o Vélber e o Diego Tardelli.

Aliás, como é seu relacionamento com o Diego Tardelli?

Muito bom. Sem problema nenhum. É um menino que não fala. Quieto. Bom de trabalhar. Tranquilo. Não quero nem elogiar muito. Deixa assim mesmo.

Mas dá para ter um time competitivo hoje?

Competitivo, sim. Não digo que dá para ser campeão. Mas, com o quem vai chegar, vai dar para ganhar título.

Pode revelar se há algum nome engatilhado?

Existe, sim. Mas não posso

dizer porque acaba atrapalhando a negociação.

A chegada do César Sampaio soluciona parte de seu problema no meio-de-campo?

Ele chegou com totais condições de jogar. Mas, para ser sincero, não sei se é o cara que estava faltando no meio-de-campo, uma vez que a carência é por meias. Daqui a pouco, porém, vem outro atleta experiente. E, mais para frente, mais um. Sem perceber, mesclaremos a experiência com o tesão e a vontade de ser campeão de atletas mais novos. Isso é fundamental.

Na sua avaliação, como estão indo o Renan e o Alê?

O Renan é um menino bom, esforçado e vai evoluir muito. O Alê também está na mesma condição. É polivalente e tem sido bastante aproveitado.

Com a possível saída de Fábio Simplicio, qual será a solução?

Trazer um segundo volante.

E com a iminente venda de Luís Fabiano?

Trazer um atacante, o que já fizemos.

Você viu o Rondón (atacante recém-contratado) em ação na Libertadores. Gostou?

O Rondón é aquele jogador

que não dá descanso para o zagueiro e é rápido. Para ele, não tem jogo perdido. É oportunista. Tenho certeza de que o torcedor vai gostar muito dele.

Você prefere o 4-4-2 ou 3-5-2?

3-5-2, 4-4-2, 4-3-3. Depende do momento e da necessidade. Se estivermos perdendo, vamos para o 4-3-3. Se estivermos ganhando, para o 4-4-2 ou para o 4-5-1. Vamos usando.

Houve momentos bonitos na Libertadores, mas um que chamou a atenção foi aquele em que o time não desceu para os vestiários, permanecendo no gramado do Morumbi. Isso se repetirá?

Se houver necessidade, sim. Mas não é uma coisa de marketing. A idéia foi do Marco Aurélio Cunha (*superintendente de Futebol*). Aceitei de imediato porque, naquele momento, era viável. Não podíamos perder o espírito do jogo. Até porque tínhamos empatado em cima da hora. Fazer a torcida participar do intervalo, como se o estádio inteiro fosse nosso grande vestiário, foi maravilhoso. Pena que não era a final. Foi na partida contra o Rosario Central. Aquilo foi para integrar o grupo. Os jo-

gadores sentem o calor do jogo e da torcida. Não podemos nunca jogar fora esse tipo de coisa. Isso, realmente, ficou marcado.

A Grécia foi campeã da Eurocopa, o Once Caldas da Libertadores e o Santo André da Copa do Brasil. Chegou a vez dos menores?

O Santo André, por exemplo, se organizou e vem jogando junto há dois ou três anos. O Once Caldas também. E soube ser humilde. Jogou como pequeno. Mas saiu do campo como grande. Como campeão. Por conta do empenho, da dedicação, da tática que esse time teve, merecia o título. Eles vieram como ônibus: "O motorista na frente e o resto atrás". E deu certo. Na cidade deles, o técnico colocava mais um auxiliar de motorista. E, taticamente, se entregavam.

Você é supersticioso?

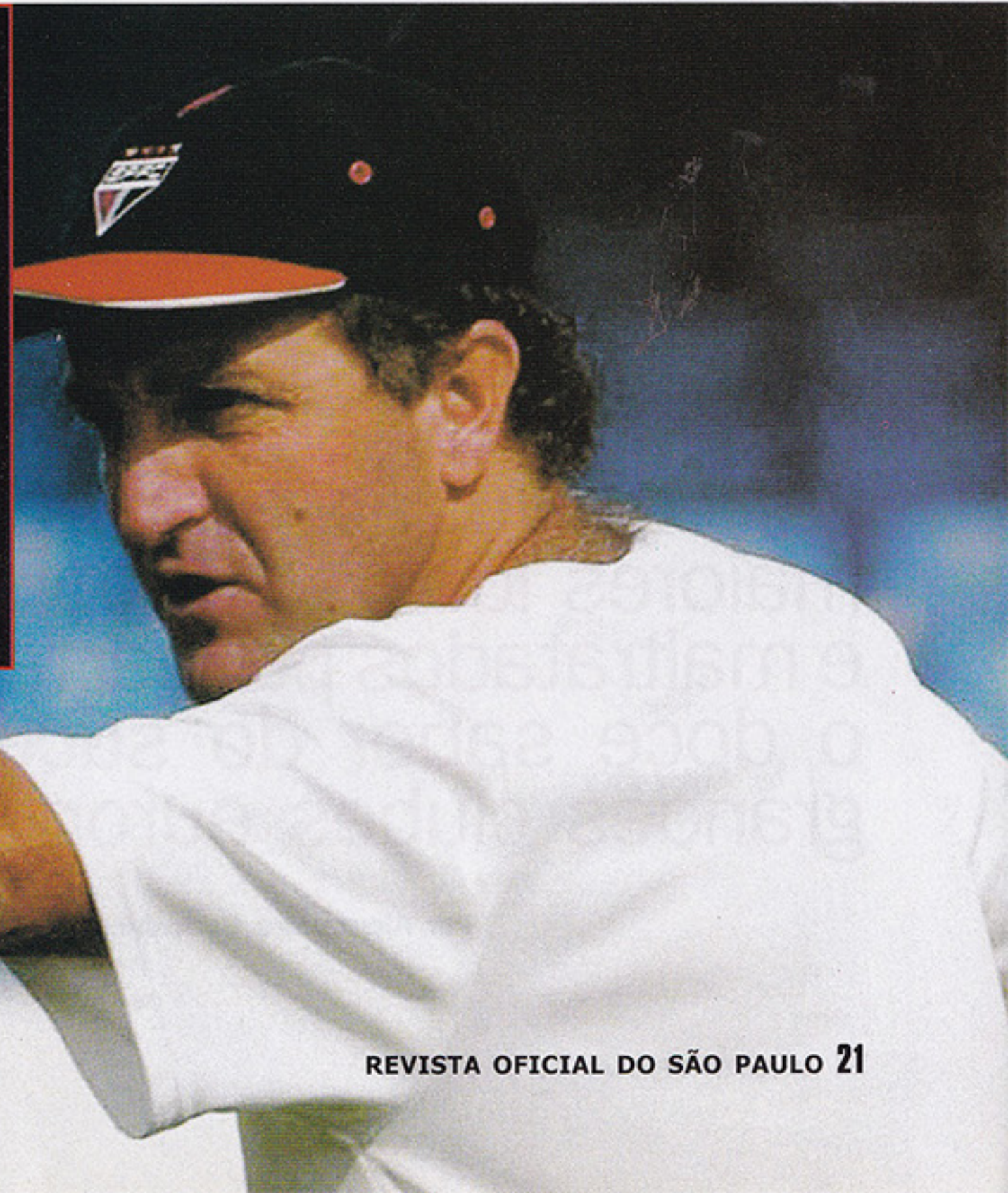
Não. Mas não gosto de chegar ao campo de marcha à ré. Quem anda para trás é caranguejo. Não tenho superstição de roupa. Às vezes, quando começo a ganhar, seguro uma meia ou uma cueca. Mas, se perco, paro com tudo.

E a correntinha no pescoço?

Sempre estou com ela e também com um terço no bolso.

"Perdemos para nós próprios. Como tomamos gol numa situação daquela? É claro que houve o mérito do adversário. Mas cometemos um erro. Foi falta de maturidade"

Sobre o jogo com o Once Caldas





KAKÁ
Campeão Italiano
Pentacampeão Mundial



JÚLIO BAPTISTA
Vice-artilheiro
do Campeonato Espanhol



BELLETTI
Pentacampeão Mundial
Contratado pelo Barcelona

RENEG

Nos últimos anos, a nação tricolor passou a ver, de lugar privilegiado, alguns de seus maiores ídolos - depois de serem perseguidos e maltratados por parte da torcida - degustarem o doce sabor do sucesso com a camisa de grandes clubes europeus

Por Alessandro Gonçalves, Frederico Rebello Nehme e IG Martins



FRANÇA
Quarto maior artilheiro
da história do SPFC



EDMÍLSON
Tricampeão Francês
Pentacampeão Mundial

AGÊNCIA FOLHA



CRACADOS

Há tempos, o futebol nacional não tem poderio econômico para brigar, em igualdade de condições, com os grandes times da Europa. E isso não é novidade alguma.

A cada temporada, as equipes do Velho Continente armam-se com o que de melhor existe no Brasil. Nossos craques deixam, aos montes, o país. De forma geral, retornam em fim de carreira, quando já pensam em pendurar as chuteiras.

Não bastasse esse triste quadro, os atletas brasileiros, como as próprias agremiações, passaram a sentir os efeitos das exigências de "entidades" que cresceram e assumiram posições que não seriam, naturalmente, suas. Trata-se das torcidas organizadas. Ou parte delas.

Algumas atuações infelizes são o sufici-

ente para que uma situação de desgaste seja criada. No campo, vaias, cartazes e coros ofensivos. Em alguns casos, protestos ultrapassam limites ponderados, em que agressões físicas, lamentavelmente, ganham espaço.

Na Copa do Mundo de 2002, Ronaldo Nazário, o Ronaldinho Fenômeno, sentiu na pele as cobranças dos torcedores. Embarcou para a Ásia com a imagem arranhada. Os mais radicais diziam que ele estava fora de forma. Falavam que seu futebol não era o mesmo depois daquele episódio que o envolveu na final da Copa anterior, diante da França, em 1998. Na volta do Japão e da Coreia, entretanto, ficou provado o contrário. Ele mostrou a todos que foi vital.

Nos últimos dez anos, essas cobranças

marcaram a vida de craques que defenderam o São Paulo Futebol Clube. Não foram poucos aqueles que tiveram de conviver com apupos até partirem para outros mercados, nos quais arrancaram aplausos da platéia e conquistaram fãs.

A história corrobora o pensamento de que boa parte dos que foram perseguidos com gritos - e outros tipos de manifestações que ecoavam das arquibancadas - conseguiram sucesso em suas atuais equipes. Estavam, e ainda estão, tão bem que chegaram à seleção brasileira em diversas oportunidades. E, mesmo hoje, continuam sendo convocados.

Entre tantos outros são-paulinos bem-sucedidos, o time que se sagrou pentacampeão em 2002, contava com o zagueiro Edmílson, demasiadamente vaiado no

“É um aprendizado para eles”

KAKÁ a respeito de parte dos torcedores

O QUE PENSA A INDEPENDENTE

Assim que o São Paulo foi eliminado da Libertadores, a torcida Independente iniciou uma série de manifestações. Seus integrantes vestiram camisas amarelas, estenderam faixas e elegeram Rogério Ceni e Luís Fabiano como os principais vilões pela saída do torneio continental. O caso gerou polêmica. A seguir, confira os principais trechos da entrevista em que o diretor de Marketing da organizada, Marcos Lopes, o Kinho, explica o porquê de tudo isso.

Esse tipo de manifestação não prejudica mais do que ajuda?

Em primeiro lugar, o protesto não foi contra o elenco. Foi contra a fase que o time vem passando.

A própria torcida ficou muito dividida em relação a esse tipo de manifestação. Por quê?

É lógico que existe divergência. Mas a Independente respeita a opinião do são-paulino comum e quer é a união. A própria torcida é desunida.

A torcida não tem medo de perder outro grande jogador agindo dessa maneira?

A gente não tem nada contra nenhum jogador, mas quem tem medo de ser vaiado não pode vir para o São Paulo. A Independente não aplaude camiseta. A partir do momento em que render em campo, o atleta não vai ser vaiado. Pelo contrário.

O César Sampaio, que é um jogador mais velho, vai ter o direito de errar?

Trata-se de um nome fundamental, como foi o Cerezo. Ele vai chegar para os mais jovens numa decisão e vai falar: “O garoto, não se mija, não. Vai com calma.” Não vamos criticar o Sampaio, pois é um jogador experiente. Por isso, se não vingar, vai admitir a má fase. Não será preciso haver crítica para ele se tocar.

Raí e Dario Pereyra demoraram para se firmar. Hoje, eles não teriam tempo para virarem ídolos. Correto?

O Raí recebeu críticas. Mas aprendeu com elas. Ele ficou. E virou o maior ídolo da história do clube. Num jogo entre São Paulo e Corinthians, perdeu dois pênaltis. Mesmo assim, a torcida o aplaudiu, porque virou ídolo. Se fosse outro, talvez a torcida são-paulina inteira o tivesse execrado. Mas o Raí é intocável. Se perdesse 500 pênaltis, a gente o aplaudiria.

Morumbi. O jogador, contudo, fez exibições memoráveis no Mundial e, pelo menos, um golaço de meia-bicicleta contra a Costa Rica.

O CASO KAKÁ

Daquele mesmo esquadrão, fazia parte Kaká, mais um que também não escaparia incólume. Seus últimos meses de São Paulo transformaram-se em inferno. Parte da torcida, e até da imprensa, crucificou-o. Boatos diziam que estava “mal” por conta do tratamento físico que vinha fazendo para ganhar massa muscular.

O final da temporada 2002 e o começo da seguinte foram momentos difíceis e angustiados em sua vida. Apesar de tudo, ele garante não guardar mágoas da torcida. “Estava muito bem no São Paulo e a prova disso foi ter ido para a Copa do Mundo de 2002 jogando pelo clube, além de ter recebido diversos prêmios importantes, como destaque e melhor jogador da temporada. Uma pequena parte da torcida teve problema comigo. Mas não guardo mágoa. Não tenho que provar mais nada para a torcida do clube”, falou em recente entrevista para o portal AOL.

Em 2003, Kaká foi vendido para o Milan. “Estou muito bem. Pretendo cumprir meu contrato e ficar na Europa por muito tempo”, disse à **Revista Oficial do São Paulo**.

O Tricolor o negociou por U\$8 milhões. Barato, sim, por se tratar de um tipo de craque cada vez mais raro e necessário. Seu contrato, porém, estava prestes a vencer e o clube não poderia correr o risco de perdê-lo sem receber qualquer compensação financeira.

A adaptação de Kaká no Milan foi incrível. Rapidamente, entrosou-se com os companheiros. Em poucas semanas, incendiou os campos com lances geniais. Hoje, é nome certo no meio-de-campo e, ainda, tem sido presença garantida nas convocações de Carlos Alberto Parreira, técnico do selecionado nacional. “Saí porque estava pronto para buscar meu reconhecimento mundial. E jogar em um grande clube na Europa ajuda muito nisso”, revela. Em relação àqueles que o perseguiram, cutuca: “É um aprendizado para eles”.

O sucesso do atleta na esquadra milanesa, entretanto, parece não ter deixado arrependimento nem saudade em alguns. “A Independente vive o São Paulo Futebol Clube. Não aplaude jogador porque é bonito ou porque é promessa. Queremos título. É o mínimo que uma torcida pode exigir de um clube. O Kaká não atravessava uma boa fase no Tricolor e foi vaiado. Mas ele terminou servindo de bode expiatório”, opina o diretor de Marketing da Independente, Marcos Lopes, o Kinho.

Kaká talvez seja o nome mais emblemático da lista de “renegados” que, recentemente, explodiram no exterior. Entretanto, não foram poucos os que viveram situação semelhante. Júlio Baptista foi outro que passou por maus momentos. Pouco antes, Belletti, França e Bordon também tiveram seus dias de “glória”.



NOME
DANILO Gabriel de Andrade

LOCAL DE NASCIMENTO
Ibiá-MG (São Gotardo)

DATA DE NASCIMENTO
11/06/79

POSIÇÃO
Meia-esquerda

ALTURA
1,86m

PESO
80kg

DIVERSÃO
Ficar em casa com o filho

SIGNO
Gêmeos

ESTILO MUSICAL
Sertanejo

COMIDA
Massa

BEBIDA
Suco

SONHO
Seleção brasileira

TIME DO CORAÇÃO
São Paulo

TIME POR QUE PASSOU
Goiás

TÍTULOS
1999 - Brasileiro da série B
2002 - Campeonato Goiano
Copa Centro-Oeste
2003 - Campeonato Goiano

ÍDOLO
Rai



RUBENS CHIRI

DANILO

NOME
RENAN Teixeira da Silva

LOCAL DE NASCIMENTO
Caieiras-SP

DATA DE NASCIMENTO
29/03/85

POSIÇÃO
Volante

ALTURA
1,81m

PESO
74kg

DIVERSÃO
Ouvir música

SIGNO
Áries

ESTILOS MUSICAIS
Pagode e RAP

COMIDA
Arroz, feijão, bife e batata frita

BEBIDA
Refrigerante

SONHO
Jogar na Europa

TIME DO CORAÇÃO
São Paulo

TIMES POR QUE PASSOU
Corinthians/Juventus-SP

TÍTULOS
1998 - Campeão do Torneio de Guarulhos (Dente-de-leite)
2000 - Campeão do Torneio Brasil /Japão (Infantil)
2002 - Campeão da Copa Zico (Juvenil)

ÍDOLOS
Alexandre e Kléber
(ex-São Paulo)



RENAN



NOME

Rafael da Silva Francisco - **RAFINHA**

LOCAL DE NASCIMENTO

Guarulhos

DATA DE NASCIMENTO

04/08/83

POSIÇÃO

Meia-atacante

ALTURA

1,66m

PESO

60kg

DIVERSÃO

Jogar videogame e
passear com a família

SIGNO

Leão

ESTILOS MUSICAIS

Pagode, samba e rap

COMIDA

Lasanha

BEBIDA

Suco de morango

SONHO

Jogar no profissional do SPFC

TIME DO CORAÇÃO

São Paulo

TIME POR QUE PASSOU

Portuguesa

TÍTULO

Copa São Paulo 2002

ÍDOLO

Bebeto



RUBENS CHIRI

Rafinha

NOME

Alexandre Luis Fernandes - Alê

LOCAL DE NASCIMENTO

Embu das Artes

DATA DE NASCIMENTO

21/01/86

POSIÇÃO

Volante

ALTURA

1,76m

PESO

73kg

DIVERSÃO

Cinema e churrasco com a família

SIGNO

Aquário

ESTILO MUSICAL

Pagode

COMIDA

Lasanha

BEBIDA

Suco de laranja

SONHO

Dar mais conforto ao pai e à mãe

TIME DO CORAÇÃO

São Paulo

TIME POR QUE PASSOU

Juventus

TÍTULOS

Campeão Paulista Infantil
e Vice-Campeão Júnior/2003

ÍDOLOS

César Sampaio e Zidane



ALÊ

ALGUNS SÃO-PAULINOS BEM-SUCEDIDOS PELO MUNDO

JÚLIO BAPTISTA

Time que defende hoje: Sevilha, Espanha.
O meio-campista foi vendido em 2003 por US\$ 2,8 milhões. No São Paulo, ganhou o Campeonato Paulista em 2000 e o Torneio Rio-São Paulo em 2001. Já foi convocado várias vezes pela seleção.



FRANÇA

Time que defende hoje: Bayer Leverkusen, Alemanha.
Com estilo arrojado, o atacante ainda é o quarto maior artilheiro da história do São Paulo, com 182 gols marcados. Muitos são-paulinos sonham com sua volta.



EDMÍLSON

Time que defende hoje: Lyon, França.
Depois de atuar como lateral, zagueiro, volante e meia no Tricolor, e não contar com apoio da torcida, adaptou-se bem ao mercado europeu. Sagrou-se pentacampeão com a seleção brasileira em 2002.

BORDON

Time que defende hoje: Stuttgart, Alemanha.
Era tido como jogador sem qualidade técnica, mas conhecido pela dedicação nos treinos e a garra em campo. O zagueiro, hoje, atravessa um dos melhores momentos de sua carreira. Até tem sido convocado por Carlos Alberto Parreira.



BELLETTI

Time que defende hoje: Barcelona, Espanha.
O lateral-direito saiu do São Paulo para o time espanhol do Villareal. Este ano, transferiu-se para o Barcelona. O atleta é nome constante nas convocações da seleção brasileira. E, em 2002, sagrou-se pentacampeão.

KAKÁ

Time que defende hoje: Milan, Itália.
Na atualidade, é um dos principais jogadores brasileiros em atividade no futebol mundial. Com técnica, arranques fulminantes e visão periférica, tem lugar certo no meio-de-campo da seleção nacional.

FÁBIO AURÉLIO

Time que defende hoje: Valencia, Espanha.
Revelado nas categorias de base do Tricolor, o lateral-esquerdo atualmente é destaque no Campeonato Espanhol.



EDU

Time que defende hoje: Celta de Vigo, Espanha.
O meia-atacante brilhou na equipe que ficou com o vice-campeonato da Copa do Brasil de 2001. Atualmente, tem garantido a alegria dos torcedores do Celta.

JUNINHO

Time que defende hoje: Middlesbrough, Inglaterra.
Ainda garoto, ganhou projeção no Expressinho Tricolor, dirigido por Telê Santana. Atleta com muita visão de jogo, há tempos está no futebol inglês. Esteve, também, com a seleção brasileira na Copa da Ásia.

MARCELINHO PARAÍBA

Time que defende hoje: Hertha Berlim, Alemanha.
Rápido e competente nos contra-ataques, Marcelinho Paraíba vem construindo uma carreira de sucesso na Alemanha.

DENÍLSON

Time que defende hoje: Real Betis, Espanha.
Driblador como Canhoteiro, Denílson fez história no São Paulo. Ainda hoje, é lembrado por seus ótimos serviços prestados à nação tricolor.



FOTOS RUBENS CHIRI

REPRODUÇÃO

TATYANA ALVES



RUBENS CHIRI

CRAQUES QUE, HOJE, NÃO VINGARIAM

Um dos capítulos mais significativos da história do São Paulo está ligado ao exemplar relacionamento que o clube tem com os ídolos que revela ou acolhe. A tradição manda que sejam tratados como o mais valioso patrimônio da agremiação, mesmo depois de a terem deixado ou encerrado suas carreiras.

Essa fantástica história inclui capítulos como Leônidas da Silva, Adhemar Ferreira da Silva e Eder Jofre, entre outros. Trata-se de uma trajetória impossível de ser mudada apenas pelo desejo aleatório de poucos.

A impaciência e a intolerância não têm

sido boas conselheiras de uma pequena, mas barulhenta parcela da torcida tricolor. Ao não poupar sequer os craques que têm dado a mais importante contribuição ao time nos últimos anos, esse grupo minoritário pode estar dando um tiro no próprio pé. E ferindo o clube.

Se atuasse hoje, o quarto-zagueiro Roberto Dias teria dificuldades para chegar aos 13 anos que completou jogando com a camisa do São Paulo. Começou no clube em 1961. Mas, somente após dez anos, conseguiu um título, o de Campeão Paulista de 1970. Naqueles tempos, a prioridade era a construção do Morumbi.

Hoje, Dias poderia ser massacrado e transferir-se para outro time. Além disso, certamente os fanáticos por resultados a qualquer custo questionariam a ausência de conquistas, gritando contra a construção do estádio. Dias, porém, está até hoje no Tricolor. É professor das categorias de base.

Gino Orlando também é prova da fidelidade recíproca entre clube e atleta. Permaneceu no Tricolor até seus últimos dias de vida. Esses são bons exemplos que não devem deixar de frutificar.

Os mais novos podem não lembrar que Rai chegou em 1987, mas só encontrou o melhor de seu futebol no início da década de 90, com o mestre Telê Santana. O meia foi um dos atletas mais vencedores do futebol nacional. Ganhou quase tudo que disputou, incluindo o tetracampeonato, em 1994.

Careca, que veio do Guarani de Campinas na década de 80, também precisou de tempo para deslanchar. No São Paulo, teve uma fase ruim, sem gols. Ficou várias rodadas sem marcar. O clube deu-lhe o suporte e a confiança de que necessitava. E o Brasil pôde conhecer a habilidade do atacante. Careca explodiu. Vestiu a amarelinha e foi para a Itália, onde defendeu o Napoli. O uruguaio Dario Pereyra, ídolo da zaga que chegou no final dos anos 70, é mais um que engrossa essa lista.

O atacante França, do Bayer Leverkusen, da Alemanha, está entre os quatro maiores goleadores do São Paulo. Essa condição, porém, não evitou que a torcida o chamasse de pipoqueiro seguidas vezes.

No elenco atual, Rogério Ceni e Luís Fabiano, ídolos por tantos e ótimos serviços prestados à nação são-paulina, caíram em desgraça há pouco. Depois da desclassificação da Libertadores deste ano, foram cobrados de maneira severa e pública, como se fossem os únicos culpados pela fatalidade ocorrida em Manizales, na Colômbia. O goleiro goleador e o atacante genial, e genioso, estão entre os melhores futebolistas da atualidade. Mas, por mais que adorem jogar aqui, certamente não devem gostar de ser tratados como inimigos.

Para Rogério, manifestações desse tipo servem apenas para baixar o moral do atleta. "O protesto é democrático, mas o são-paulino de verdade vai ao estádio com a camisa do clube e torce o tempo todo. Jogamos com a torcida. Se for para protestar, fica mais difícil de as coisas se arrumarem," disse, recentemente, ao diário esportivo *Lance!*.

O MST DO FUTEBOL: FATO SOCIOLÓGICO OU CASO DE POLÍCIA?

Eles são organizados, confabulam, planejam e, na calada da noite, se instalam. Às vezes, por bem, com violência de preferência. A cabeça é pequena: poucos são os que ditam as palavras de ordem. A massa, maioria, os segue sem saber bem o porquê e ainda se vê obrigada a contribuir com um dízimo por sua ingenuidade.

Ao lado de algumas outras, formam uma classe parasitária no futebol. E, sem dúvida, a mais execrável.

Não têm carteira assinada, pois não trabalham. Endereços incertos, celular como forma de serem localizados.

Querem ser subsidiados. Exigem transporte e apoio logístico, pois precisam aparentar serviço para seus súditos. Também batalham por ingressos de graça ou com desconto. Muitas vezes os vendem como se cambistas fossem.

Peitam atletas de forma arrogante e atrabiliária, com ameaças que vão das vaias à agressão. Os jogadores, muitas vezes amedrontados, acabam se curvando, repetindo gestos que imitam símbolos do MST, ou são constrangidos a usar seus bonés e camisetas. Aqueles diferenciados, por mais amor que tenham ao clube, abreviam suas carreiras na equipe e marcham para outras plagas menos hostis.

Os membros do MST dão entrevistas, participam de mesas-redondas. Os jornais e as TVs os procuram para saber suas opiniões sobre isso ou aquilo. Sentem-se importantes.

Quanto eles são, ninguém sabe. Na certa muito menos do que fazem supor. Jactam-se de acompanhar os clubes onde quer que estejam. Esquecem-se de dizer, no entanto, que arrumam confusões e praticam atos de vandalismo em quase todos os lugares a que comparecem. E, fora ou na própria sede, impedem os torcedores de verdade de assistir aos jogos com suas famílias.

Na verdade, o MST do futebol é o Movimento dos Sem Time, pois, para eles, tanto faz torcer para esta ou aquela equipe. O que lhes importa é o agito, o lucro, a publicidade. Não têm perfil definido, a não ser o da violência, da qual não abrem mão.

Os clubes não estão totalmente isentos de culpa por sua existência pois, não poucas vezes, os tratam com leite no pires. Quando menos esperam, se dão conta de que criaram uma fera que não podem dominar. **(Luiz Celso de Piratininga)**

“O protesto é democrático, mas o são-paulino de verdade vai ao estádio com a camisa do clube”

ROGÉRIO CENI em entrevista ao jornal *Lance!*

De acordo com o economista Fábio José Paulo, o Fajopa, torcedor são-paulino, perseguir os dois maiores ídolos do elenco atual não tem lógica. “Será que já não basta o que fizeram com França e o Kaká?”, questiona. “Acho que uma pequena parte da torcida ‘não quer’ craque no time.”

Por meio do site que criou com alguns amigos, conseguiu fundos para organizar uma forma de “comunicar-se” com todos da equipe tricolor. Mais de 40 torcedores se juntaram e bancaram a colocação de um outdoor em frente ao CCT da Barra Funda. Por trás dessa atitude, havia três intenções. “Primeiramente, queríamos homenagear o time por ter chegado à semifinal da Libertadores. Depois, cobrar reforços. E, finalmente, mostrar que a torcida do São Paulo é muito maior do que esse grupo de uniformizadas. Essa história de amarelo, não. O São Paulo é vermelho, branco e preto.”

Mas Kinho argumenta que o protesto feito não foi contra ninguém do elenco. “Foi por causa da fase que o time vem passando. Não foi direcionado a um ou outro jogador. Estávamos amarelos de vergonha. Não era nada contra nenhum jogador,” garante. “Rogério Ceni é intocável”, complementa.

Ele diz que o momento ruim do clube gerou as manifestações. “Como desejamos somar, paramos. Mas iríamos fazer isso até o time ganhar um título de expressão. Vimos, porém, que iríamos atrapalhar. E o são-paulino não entendeu o espírito da coisa.”

Fajopa, no entanto, pede paciência. “Os torcedores estão mal-acostumados. No começo da década de 90, ganhamos muita coisa. Mas aquilo que aconteceu ocorre com poucos times. O Santos do Pelé teve uma seqüência daquelas. O Palmeiras também, mas não igual, além do Flamengo.”

PEQUENOS E BARULHENTOS

Qualquer um se lembra com facilidade dos dribles leves, soltos e desconcertantes de Denílson, no melhor estilo Canhoteiro. A final entre São Paulo e Corinthians do Campeonato Paulista de 1998 ficou registrada na memória dos saudosistas. Também, pudera. Ele infernizou seus marcadores do Parque São Jorge como qualquer são-paulino gosta de ver.

Sua genialidade, porém, não foi o suficiente para evitar comentários maldosos que ouviu quando fora transferido para o Betis, da Espanha. “Na época, fui chamado de ‘mercenário’, entre outras coisas. Mas procurei entender a posição da torcida.” Esse foi seu momento mais conturbado com os torcedores.

Ele acredita que não teve outros problemas por causa do comportamento exemplar. “Trabalhei sério e dei tudo de mim. Acho que isso pesou bastante. Deixei de lado tudo o que veio de ruim, inclusive algumas críticas.”

Esse tipo de sorte, entretanto, nem sempre contempla todos. Mesmo jogando bem, vários atletas foram impietosamente alvejados. E, quando partiram, ao realizarem boas partidas por suas novas agremiações, muitos daqueles que os hostilizavam, preferiram, simplesmente, não reconhecer o real valor deles.

O craque Denílson é enfá-

tico ao afirmar que a torcida perdeu o respeito pelo profissional. Segundo ele, o Brasil não é o único país “privilegiado”. Afinal, o exterior está cheio de péssimos exemplos. “Parece que as torcidas perderam qualquer respeito humano e profissional pelos jogadores. Isso não é coisa só de brasileiro. Na Europa, também existe. E não apenas quando um time perde feio ou cai de divisão. Por qualquer motivo, os torcedores pegam pesado. Às vezes, até partem para a agressão física. Isso é um absurdo.”

Na opinião do contador Márcio Fernandes Caracciolo, sócio-torcedor do São Paulo, as críticas são feitas por uma pequena parte das organizadas. Mas, apesar de tratar-se de uma fatia menor, o estardalhaço produzido nunca deixa de causar prejuízos. “Por mais que o jogador fale que não ligue, isso sempre pesa. E acho que muito, porque, no fim das contas, é o reconhecimento ou não do trabalho dele.”

Não por poucas vezes, a pressão acaba sendo uma resposta ao momento de determinado jogador. Fábio Aurélio, ex-tricolor que defende o Valencia, da Espanha, pensa dessa maneira. “Mesmo o clube estando bem, se perder uma ou duas partidas, a torcida desiste de apoiar”, acredita. “Os torcedores precisam ter mais paciência com os jogadores, pois só prejudicam agindo assim num momento como esse.”

No São Paulo, Fábio Aurélio nunca enfrentou obstáculos desse gênero. Nas horas mais difíceis, procurou buscar a tão falada tranquilidade. “Nunca tive problemas graves. Em alguns momentos, a torcida pegava no meu pé.

Mas, em campo, sempre tentava fazer o melhor possível. Eles também precisam saber disso.”

Artilheiro da Libertadores 2004: nem assim Luís Fabiano foi preservado



RUBENS CHIRI

ARQUIVO PESSOAL

No Racing:
sua melhor
fase na Europa

Deus dos estádios

O meia-direita YESO AMALFI tornou-se conhecido graças à habilidade que possuía, mas também por causa das incríveis passagens que viveu em países sul-americanos e europeus. Carismático, fez amigos como o príncipe Rainier de Mônaco e o pintor espanhol Pablo Picasso

**Por Fernando Savaglia
Colaborou Raul Snell Jr.**

Sua vida renderia, no mínimo, um bom roteiro de filme. Descoberto pelo São Paulo quando atuava pelo Eden Liberdade, equipe de várzea da capital paulista, Yeso Amalfi ingressou nas categorias juvenis do clube no ano de 1943. Até chegar ao time principal, passou por todos os degraus. Como profissional, viveu histórias fantásticas.

Na década de 40, o Tricolor contava com uma das mais espetaculares equipes do Brasil. Era o Esquadrão de Aço. Difícil era arranjar uma vaga para aquele jovem, ainda que fosse dono de um futebol exuberante, num elenco que possuía a experiência do magnífico argentino Antonio Sastre, dono ab-

soluto da camisa oito.

Não era possível, naqueles tempos, fazer substituições durante os jogos. Ainda assim, entre partidas nas equipes aspirante e profissional, o meia-direita defendeu as cores do São Paulo por sete anos. Ao todo, fez 82 jogos e marcou 28 gols. Realizou exibições de gala em 1947, atuando, justamente, no lugar do veterano atleta portenho, que se recuperava de contusão. Aliás, quando Amalfi desligou-se do Tricolor, Sastre, fã confesso do meia, indicou-o para o Boca Juniors, o mais popular dos clubes da Argentina. Começava aí a mais espetacular carreira - regada a confusões, fatos inusitados e muitos e muitos gols - de um atleta brasileiro no exterior.

No país vizinho, teve como companheiro de time o lendário e problemático Heleno de Freitas na dis-

puta de um campeonato extremamente concorrido. "Eles poderiam formar três ou quatro seleções, dada a quantidade de jogadores de alto nível atuando no país naquele período", relembra.

O DIA EM QUE A BOLA PAROU

No entanto, o que mais marcou sua passagem pela Argentina foi um fato que ocasionou seu afastamento do Boca. Ele participou de uma greve promovida pelo Sindicato de Jogadores Profissionais em solidariedade aos atletas do Chacarita Juniors - pequena, mas tradicional equipe de Buenos Aires -, que não recebiam os salários havia três meses.

De acordo com Amalfi, a maneira de protestar contra o fato foi idéia dele próprio. "Quando o árbitro apitava o início do jogo, ficávamos, durante um minuto,

sentados no gramado em silêncio. Passado esse tempo, jogávamos normalmente. A idéia era ficarmos parados na rodadas seguintes por dois, quatro, oito minutos. E assim por diante até acertarem os salários atrasados."

A greve, entretanto, irritou o general Juan Domingos Peron, presidente da República, o que resultou na suspensão do campeonato de 1949 e na expulsão de todos os jogadores profissionais da Associação de Futebol da Argentina. O resto do torneio foi disputado, obrigatoriamente, por amadores.

Dezenas de atletas locais, e mais alguns estrangeiros, entre eles o temperamental Heleno de Freitas, transferiram-se para a Colômbia, onde formaram uma liga pirata. Amalfi até viajou para Barranquilla, mas, acostumado

com o glamour dos centros urbanos mais agitados, resolveu aceitar uma proposta do Peñarol, do Uruguai. "Em Montevéu, atuei, praticamente, ao lado da equipe campeã mundial de 1950. Entre os jogadores, havia Maspoli, Obdulio Varela, Schiaffino e Giggia."

Campeão invicto uruguaio, e com viagem marcada para a Europa, onde deveria apresentar-se ao Olympique de Nice, retornou ao Brasil em clima de Copa do Mundo. "Me encontrei com o Flávio Costa no dia da final (*técnico do selecionado brasileiro*) pouco antes de embarcar e avisei-lhe do perigo que seria colocar o Bigode para mar-

car o Giggia (*ponta-direita uruguaio autor do tento que fez a diferença*). Não deu outra. Foi por lá que fizeram o gol do título", lembra o ex-meia.

NA SOFISTICADA CÔTE D'AZUR

Yeso Amalfi só ficou sabendo do resultado a bordo do navio que o levava para a Costa Azul, que se localiza na França. Ao desembarcar em Cannes, deparou-se com um cenário, até então, inédito em sua vida. "A quantidade de lindas mulheres trajando biquínis era assombrosa. Cheguei a ficar com torcicolo de tanto virar o pescoço", diverte-se, hoje, o ex-craque.

"Recebi uma bola na defesa e driblei meio time titular. Fiz o gol, peguei a bola e entreguei para o treinador com a minha camisa e fui embora"

Não se pode, porém, dizer que ele teve a recepção que esperava. "Cheguei a Nice como campeão no São Paulo e no Peñarol e com uma ótima passagem pelo Boca Juniors. Ainda assim, soube que teria de fazer uns amistosos para que minha contratação fosse efetivada. O empresário que negociou meu passe tinha me enganado."

Apesar de o brasileiro encantar-se com a vida boêmia do lugar, os primeiros meses no Olympique foram complicados. O treinador do time insistia em submetê-lo a rigorosos treinos físicos. Mas o proibia de aproximar-se da bola. No dia em que Amalfi se reencontrou com "ela", porém, a história começou a mudar. Dono de tremenda habilidade, deu a volta no gramado fazendo embaixadas com os pés, a cabeça e os ombros, causando espanto nos dirigentes do clube que assistiam ao treino. O técnico Elie Rous, com cara de pouco caso, classificou a brincadeira como malabarismo puro, típico de atletas sul-americanos que, em campo, eram inconstantes.

As boas atuações nos amistosos não significaram muito, pois o craque ainda amargava o banco de suplentes. Até que, num coletivo, atuando pelos reservas, ele pôs um ponto final na perseguição de Rous. "Recebi uma bola na defesa e driblei meio time titular. Fiz o gol, peguei a bola e entreguei para o treinador com a minha camisa e fui embora." O caso foi levado à presidência do clube que, imediatamente, efetivou-o como titular.

Com Amalfi figurando entre os 11 principais, quatro dias depois o Nice goleou o Strasburgo por 4 a 1. Ele marcou dois gols e sua performance foi soberba. Após o jogo, ele quis fazer uma reunião com a diretoria. "Pedi que os dirigentes do clube escolhessem entre mim e o técnico." Com a dispensa de Rous concretizada, iniciava-se a fantástica his-

tória de Yeso Amalfi em gramados europeus.

Quando se firmou, jogando o fino da bola, sua notoriedade cresceu por toda a França. Seus predicados levavam às arquibancadas diversas personalidades, entre elas o pintor espanhol Pablo Picasso - que se encantava com o estilo do, já naquela altura, amigo brasileiro. Afora isso, o craque sempre estava acompanhado de belas mulheres, como a atriz italiana Luciana Palucci, que se tornou conhecida ao atuar com Sean Connery numa produção de James Bond.

As noitadas desenfreadas renderam-lhe o rótulo de bon vivant. "Não sei se era pela minha fama de boêmio, mas, em todos os times em que joguei, os treinos eram marcados para às 7 horas da manhã", recorda-se.

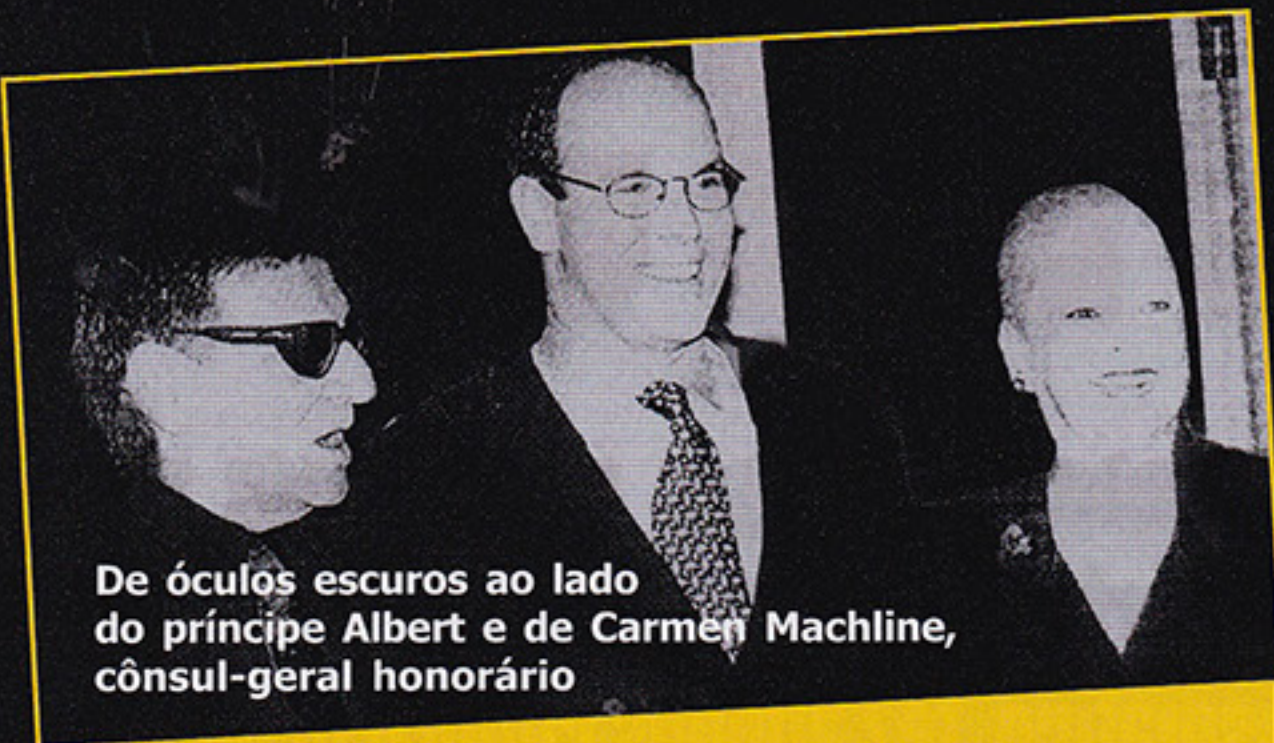
Por diversas vezes, saiu das "baladas", diretamente, para os campos, o que parece não ter afetado seu desempenho. Afinal, o Olympique de Nice, que começou a temporada de 1951 lutando a fim de não cair para a Segunda Divisão, sagrou-se campeão. Toda a crônica esportiva francesa o apontou como principal responsável pela façanha.

Amalfi logo despertou o interesse dos italianos. Em 1952, transferiu-se para o Torino. A cidade do clube, Turim, fazia-o lembrar-se de uma pequena São Paulo, como gosta de falar. Na terra de seus avós, a Itália, precisou de apenas algumas poucas partidas para adaptar-se ao defensivo futebol local. Rapidamente, foi apontado como um dos melhores atacantes do campeonato daquele ano.

O PRÍNCIPE E O PLEBEU

Admirador do estilo de Yeso Amalfi, o príncipe Rainier de Mônaco, principado que se localiza no sudeste da França, no litoral do Mediterrâneo, próximo a Nice, apoiou de imediato a contratação do meia. O brasileiro foi negociado a peso de

ARQUIVO PESSOAL



De óculos escuros ao lado do príncipe Albert e de Carmen Machline, cônsul-geral honorário

O CUPIDO

Poucas pessoas sabem, mas Yeso Amalfi teve papel decisivo no romance entre o príncipe Rainier e a estrela Gracie Kelly. Pouco antes de transferir-se para o Racing Club, ele recebeu um convite de seu amigo Luiz Carlos Barreto, na época fotógrafo da revista *O Cruzeiro*, para acompanhar a equipe de atores que promovia o filme *Ladrão de Casaca* pela Costa Azul. Entre as estrelas do longa-metragem, estava Gracie Kelly.

Por ser profundo conhecedor de Mônaco, o craque acabou servindo de cicerone à comitiva em visita ao palácio no qual seriam apresentados a Rainier. Sabendo que o fotógrafo brasileiro sonhava com uma foto da estrela norte-americana perto do príncipe, Amalfi acabou guiando a comitiva por um trajeto que a obrigaria a passar por uma escada. "Os degraus eram muito altos e, como um grande cavalheiro que é, o príncipe Rainier estendeu a mão para Gracie Kelly. Esta foi a hora dos fotógrafos", resalta Amalfi, que complementa: "Foi amor à primeira vista".

Meses depois, já jogando no Racing, Amalfi curtia mais uma de suas noitadas no Tagada quando o futuro astro do seriado *Ilha da Fantasia* Herve Villechaize (*na época, maître da casa noturna*) o chamou de lado e o avisou que o príncipe de Mônaco estava à espera dele numa saída lateral da boate. "Ele me disse que estava tenso porque, no dia seguinte, estava indo para a Filadélfia pedir a mão de Gracie Kelly em casamento. Queria que eu ficasse com ele até 8 horas da manhã do dia seguinte, quando embarcaria para os Estados Unidos."

Mesmo tendo de treinar cedo, Amalfi fez companhia ao amigo. Em 1998, o príncipe Albert, herdeiro do principado, esteve no Brasil, onde foi homenageado com um jantar no Jockey Clube de São Paulo. Yeso Amalfi esteve presente e recebeu especial atenção de Albert, que o apontou como o responsável por apresentar seu pai à sua mãe.

ouro. O maior objetivo do A.S. Mônaco era chegar à Primeira Divisão do campeonato nacional. E, para isso, precisava ter um time competitivo.

O contrato fechado estabelecia que o jogador teria à disposição um apartamento no Boulevard des Moulins, a poucos metros do famoso Cassino de Monte Carlo, e um belíssimo automóvel conversível zero quilômetro na garagem. Amalfi, lá, transformou-se num consultor do clube em relação a contratações. Assim, terminou conquistando a amizade do príncipe, que dura até hoje.

Algumas poucas rodadas foram suficientes para comprovar a eficiência da dupla verde-amarela formada por Amalfi e Brandãozinho (*ex-Palmeiras*). Os dois comandaram a equipe rumo ao lugar desejado.

Convidado a disputar um amistoso com a camisa do Racing, de Paris, contra o Arsenal, da Inglaterra, em homenagem aos heróis da Segunda Guerra Mundial, ele ajudou a quebrar um jejum de 40 anos. Durante todo esse tempo, nenhuma agremiação francesa ganhou de um clube inglês. Sua participação no jogo, balançando as redes duas vezes, foi o início das negociações do time parisiense com o Mônaco, que, de volta à Primeira Divisão, pôde liberar Amalfi.

O contrato de dois anos fora assinado em 19 de outubro de 1952. Ali se realizava um velho sonho do jogador, o de residir na Cidade-Luz. A comemoração, bem a seu estilo, foi realizada no Tagada Club, sofisticada boate da capital da França que foi a predileta do craque juntamente com a lendária Maxim's, para ele, a mais badalada dos arredores.

Seu círculo de amizade naquele momento incluía, entre outros nomes, o pintor Salvador Dalí. Certa vez, na companhia do espanhol, definiu a metrópole que tanto ama num poema: "Paris é a cidade que tenta os que a viram de viver a vida que sonharam, e os que não a viram de guardar a inapagável lembrança da doçura de seu primeiro amor".

O desempenho do atleta no Racing foi considerado fantástico logo na primeira temporada. Ele recebeu vários apelidos da imprensa especializada, entre os quais "Virtuoso do Footbal (Virtuoso do Futebol)".



Yeso Amalfi (*destaque*) no Tricolor: sete anos de clube e 82 jogos

Das 28 partidas disputadas, em 18 ganhou o prêmio de melhor em campo. Por mais três anos, brilhou na equipe parisiense. Pouco antes de transferir-se para o Red Star, clube fundado por Jules Rimet (*um dos mentores da FIFA*) em 1930, foi produzido um documentário sobre sua vida. Dirigido pelo cineasta Gilberto Cocanaz, o filme contou com textos do jornalista francês Jean Cornu.

Em 1960, depois de uma rápida passagem pelo Olympique de Marseille, Yeso Amalfi resolveu retornar ao Brasil. "Apesar

de ter proposta do Sevilla, da Espanha, após 12 anos longe do meu país, senti que era hora de parar. Afinal, eu já tinha visto praticamente tudo." E assim encerraram-se as aventuras do ex-craque revelado pelo São Paulo Futebol Clube em terras do Velho Continente.

Hoje, aos 80 anos, ele dedica-se a escrever suas memórias. Futuramente, elas devem render um livro que contará a história do futebolista brasileiro conhecido na França como o "Deus dos Estádios".

RUBENS CHIRI

O ex-atacante
hoje com a
família...



AGÊNCIA ESTADO

No momento certo

Discreto e eficiente, o ex-atacante MÁRIO TILICO não era de marcar muitos gols, mas sempre balançava as redes nos momentos decisivos, como na final do Brasileiro de 1991, diante do Bragantino, no Morumbi

Por Frederico Rebelo Nehme

Ao contrário de muitos jogadores, que ficam "sem rumo" ao deixar de atuar, Mário Tilico, um dos nomes mais fundamentais do ataque são-paulino entre 1988 e 1992, programou bem sua saída dos gramados. Apesar de ter pendurado as chuteiras como jogador, continua no futebol. A meta agora, porém, é desenvolver-se como técnico, caminho comum para ex-jogadores mas cujo sucesso é difícil de alcançar.

"Me preparei para parar de jogar. Hoje, sou uma pessoa como outra qualquer. Tenho novos planos profissionais e não sou frustrado. Planejei deixar os gramados. Sabia o que iria acontecer depois. O assédio não é o mesmo, as pessoas deixam

de pedir autógrafos na rua. Se não estivesse me preparado, acho que iria "pirar", conta Tilico, se referindo à mudança na rotina de um ex-jogador. "A mídia já não nos procura tanto e não somos destaque o tempo todo. Muitos jogadores que deixam o gramado têm dificuldade em aceitar isso."

Para realizar uma bem-sucedida mudança de rumos, Tilico fez cursos de especialização e foi modificando seus pontos de vista aos poucos ainda como jogador. "Mesmo antes de parar de jogar, comecei a fazer cursos para a etapa seguinte da minha carreira. Também passei a ver o futebol por novos ângulos, deixando de lado a postura de jogador, me pondo no lugar dos técnicos a fim de analisar o esquema tático de cada time e das partidas a

que assistia. Posso dizer que, nesse ponto, aconteceu, na prática, o início de minha transformação."

O jogador coordena atualmente duas escolinhas de futebol no Rio de Janeiro, uma do América e outra do Colégio Brasileiro de São Cristóvão. Mas está procurando oportunidades como técnico ou auxiliar. "Estou estudando algumas propostas, inclusive do exterior. Posso assumir como treinador ou auxiliar de alguém de renome, com quem já tenha trabalhado. Isso pode abrir muitas portas e, nesse momento, é muito interessante para mim. As opções são variadas", diz.

Hoje, Tilico vive no Bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, com a mulher e dois filhos. "No fundo, sou um cara 'família'. Valorizo os momentos em que fico com as pessoas de que gosto. Não tenho do que reclamar. Somos felizes e temos saúde."

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Tilico considera o Tricolor paulista o melhor clube pelo qual passou. "Sem dúvida, o período em que fiquei no São Paulo foi o melhor da minha vida. Um clube que me recebeu muito bem profissionalmente e no qual fiz muitas amizades. Igual ao São Paulo, com a mesma estrutura oferecida, até hoje não encontrei, e olha que passei por diversos times, inclusive fora do Brasil. Falo com certeza."

O jogador manteve bom relacionamento com a torcida, a direção do clube e Cilinho, seu técnico na época. "No começo, quando entrei no time, estava contundido, tinha uma lesão forte no joelho, e demorei um pouco para me recuperar totalmente, o que gerou uma expectativa grande na imprensa e na torcida, mas contei com o apoio da diretoria e do Cilinho, e logo depois pude mostrar meu futebol com mais desenvoltura", revelou.

Com a camisa das três cores, Tilico conquistou o Campeonato Paulista de 1989 e o Brasileiro de 1991. "Não era um jogador que sempre concorria para ser o artilheiro dos torneios, mas marcava gols importantes, em momentos decisivos, e isso me ajudou com a torcida e no time, que tinha muita qualidade também. Acho que essas conquistas são

o reflexo de todo o grupo que atuava na época."

Tilico, ainda hoje, mantém fortes amizades com funcionários e ex-profissionais do São Paulo. "Até hoje converso com o Raí e o Bobô, além de todas as pessoas da diretoria. Fiz muitos amigos em São Paulo, porque fui muito bem recebido lá. Foi um período marcante."

NOVA CARREIRA

A atuação de Tilico na condição de técnico se apresenta como nova carreira para um profissional que tem o vigor do início da vida. "É bom estar começando de novo. É estimulante. Não sei como seria de outra maneira. Nunca vou parar de trabalhar com futebol."

Em seu currículo recente, destaca-se o trabalho como auxiliar-técnico do XV de Novembro, time com o qual conseguiu o vice-campeonato gaúcho em 2001. "Foi uma boa experiência. Serviu para eu ter uma base de como será meu trabalho daqui para frente. Fiquei dois anos no sul e achei muito interessante. Aprendi bastante. O trabalho na área técnica é diferente, mas também muito instigante e, nesse caso, quanto mais experiência, melhor."

Tilico disse que poderia ter continuado a atuar como jogador, mas desistiu porque já não teria condições de desenvolver-se. "Quando parei de jogar, em 1991, estava no Juventude, e cheguei a receber propostas para continuar. Estava com 34, 35 anos e nada me impedia de jogar. Achei, porém, que não teria a estrutura nem o suporte para me manter com qualidade. Além disso, quando um jogador acima da idade continua atuando, a cobrança é muito maior. A pessoa não tem o direito de passar por maus momentos. Não pode errar nunca."

Tilico, no entanto, não condena jogadores que continuam atuando com "idade avançada". "Acho que, se não tiver nada que o impossibilite fisicamente, o atleta pode manter-se em clubes que permitam seu desenvolvimento, mas isso passa a ser um pré-requisito, pois a pessoa precisará de observação constante para não perder seu nível. Cada um sabe o momento em que deve parar. Soube quando foi o meu."

"Igual ao São Paulo, com a mesma estrutura oferecida, até hoje não encontrei, e olha que passei por diversos times, inclusive fora do Brasil. Falo com certeza"

MÁRIO (TILICO) DE OLIVEIRA COSTA

NASCIMENTO: 23/03/1965

LOCAL: Rio de Janeiro

ANO DE ENTRADA NO SPFC: 1989

ANO DE SAÍDA: 1992

TÍTULOS PELO SPFC: Campeão

Paulista em 1989 e Brasileiro em 1991

TIMES PELOS QUAIS PASSOU: SPFC, Vasco, CSA, Náutico, Cadje, Atlético de Madrid (Espanha), Fluminense, Cruzeiro, Juventude e Lion (México)

REPRODUÇÃO

...e comemorando o gol do título brasileiro de 1991



→ O São Paulo deve contratar mais **REFORÇOS** no segundo semestre para continuar brigando pelo título nacional. César Sampaio e Rondón já chegaram

BRASILEIRÃO 2004



Grafite (apontando para cima) comemorando o gol diante do Fluminense

São Paulo 1 X 0 Fluminense

3º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Gustavo Nery; Alexandre, Fábio Simplício, Danilo (Vélber) e Marquinhos (Adriano); Grafite e Jean (Souza) • **Técnico:** Cuca

FLUMINENSE

Fernando Henrique; Leonardo Moura, Rodolfo (Antônio Carlos), Odvan e Júnior César; Marciel (Maicon), Juca, Roger e Ramón; Edmundo (Marcelo) e Romário • **Técnico:** Ricardo Gomes

Gol: Grafite aos 35min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Grafite; Juca, Leonardo Moura e Marciel • **Juiz:** Evandro Rogério Roman • **Data:** 28/04 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Guarani 2 X 3 São Paulo

4º JOGO

GUARANI

Jean; Paulo André, Glauber (Roberto) e Juninho; Marlon, Sidnei, Careca, Patrick e Nil (Luís Fernando); Alexandre e Viola • **Técnico:** Joel Santana

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Gustavo Nery; Alexandre, Fábio Simplício (Gabriel), Adriano (Danilo) e Marquinhos; Jean (Vélber) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Viola aos 31min do primeiro tempo; Fábio Simplício aos 3min, Luís Fabiano aos 14min, Viola aos 16min e Fabão aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Nil, Alexandre, Glauber e Paulo André; Luís Fabiano, Gustavo Nery e Cicinho • **Juiz:** Wilson Luis Seneme • **Data:** 02/05 • **Local:** Estádio Brinco de Ouro, Campinas (SP)

Coritiba 1 X 2 São Paulo

5º JOGO

CORITIBA

Fernando; Jucemar, Miranda, Reginaldo Nascimento e Ricardo; Ataliba (Márcio Egídio), Pepo, Capixaba e Rodrigo Batata (Josafá); Igor (Thiago Santos) e André Nunes • **Técnico:** Antônio Lopes

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Gustavo Nery (Gabriel); Alexandre, Ramalho, Danilo (Souza) e Marquinhos; Vélber (Grafite) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Luís Fabiano aos 23min e Gustavo Nery aos 27min do primeiro tempo; Jucemar aos 5min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Josafá, Márcio Egídio, Miranda e Rodrigo Batata; Danilo, Grafite e Ramalho • **Juiz:** Edílson Soares da Silva • **Data:** 09/05 • **Local:** Estádio Couto Pereira, Curitiba (PR)

São Paulo 2 X 2 Paraná

6º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Gustavo Nery; Alexandre, Fábio Simplício (Vélber), Danilo (Souza), Gabriel e Marquinhos (Jean Carlos); Grafite • **Técnico:** Cuca

PARANÁ

Flávio; Cláudio, Nelinho, Fernando Lombardi e Wesley; Beto, Axel, Willian (Gélson Baresi) e Fernando; Galvão e Wellington Paulista (Goiano) • **Técnico:** Paulo Campos

Gols: Rodrigo aos 4min, Axel aos 22min do primeiro tempo; Rogério Ceni aos 2min e Beto aos 5min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fabão e Alexandre; Fernando Lombardi, Willian e Beto • **Cartão vermelho:** Axel • **Juiz:** Elvécio Zequetto • **Data:** 16/05 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

→ Com a derrota do São Paulo, o futebol brasileiro perdeu a chance de ver, ainda em 2004, um clube nacional sagrando-se **TRICAMPEÃO** das Américas

Pedra na chuteira



Rogério defendeu pênalti no jogo com o Rosario e ainda converteu o que bateu

O São Paulo Futebol Clube chegou às semifinais da Libertadores 2004, mas terminou esbarrando na retranca armada pelo Once Caldas, que sagrou-se campeão das Américas diante do Boca Juniors

Por Carlos Mesquita

Faltou pouco. A pretensão são-paulina de conquistar o tricampeonato da Libertadores da América foi adiada. Apesar da boa campanha, dos gols de Luís Fabiano e de a torcida ter feito a festa nas partidas que ocorreram no Estádio do Morumbi, o Tricolor foi desclassificado da competição pelo Once Caldas. Apostando todas as fichas na retranca, os colombianos garantiram-se na finalíssima com um empate no Brasil por 0 a 0 e uma vitória suada em Manizales por 2 a 1.

Se o placar em branco do primeiro encontro havia sido difícil de assimilar, o da partida seguinte foi ainda mais indigesto para a nação tricolor, já que, depois de o 1 a 1 permanecer inalterado até os 44 minutos da

etapa complementar, num pequeno deslize do São Paulo, Agudelo não perdoou. Em posição duvidosa, o jogador, que entrou na etapa complementar, recebeu a bola, livrou-se da marcação de Fábio Santos e chutou cruzado, sem chances para Rogério Ceni. Parecia ficção, mas era realidade.

Naquele momento, Cuca esperava decidir a vaga nos pênaltis e preparava a lista de batedores. Ao voltar seus olhos para o lance, não entendeu ao certo o que acabara de acontecer. Um repórter, então, explicou-lhe. Era o fim da linha para a agremiação paulista e também a chance de o futebol nacional, ainda em 2004, ter um clube tricampeão das Américas.

Nem tudo, porém, foram só espinhos nessa passagem tricolor pelo torneio continental. Os nú-

meros mostram um aproveitamento bastante razoável. Das 12 partidas que disputou, o time venceu oito, perdeu três e empatou uma. Fez 20 gols e sofreu nove. Teve ainda o artilheiro, Luís Fabiano, que estufou as redes oito vezes. De maneira geral, a equipe portou-se bem. Contando com o incentivo da torcida, venceu quase todos os jogos em seu estádio. Deixou de marcar, no Morumbi, apenas contra o Once Caldas.

O primeiro adversário atropelado aqui foi o Cobreloa (3 a 1). Na sequência, vieram LDU (1 a 0), Alianza (3 a 1), Rosario Central (2 a 1) e Deportivo Táchira (3 a 0). Fora, o São Paulo venceu o Alianza na estreia por 2 a 1, o Cobreloa pelo mesmo resultado e o Deportivo Táchira por 4 a 1 e perdeu para a LDU (3 a 0), o Rosario

Central (1 a 0) e o Once Caldas (2 a 1), time que, em seu território, mostrou-se imbatível. Os colombianos em Manizales deixaram para trás o Barcelona, do Equador, os bicampeões Santos e São Paulo e o pentacampeão argentino Boca Juniors. Sagraram-se campeões invictos da edição 2004. Foram 11 vitórias e três derrotas.

OS NÚMEROS DO SÃO PAULO NA LIBERTADORES 2004

- 12 partidas
- 8 vitórias
- 3 derrotas
- 1 empate
- 20 gols pró
- 9 contra

O artilheiro da competição foi **LUÍS FABIANO**, que estufou as redes oito vezes

Estabilidade
e segurança:
marcas
registradas
do zagueirão

RODRIGO

Rodrigo da Costa
Nascimento: 27/08/80
Local: Lençóis Paulista (SP)
Altura: 1,81m
Peso: 75 quilos

MAURI GRANADO



A muralha do Morumbi

Jogando sério, Rodrigo tornou-se titular absoluto da equipe. Deixando a modéstia de lado, considera-se um dos melhores beques do País e garante que vai trabalhar com afinco para chegar à seleção

Por Sergio Luci

Ele nasceu em Lençóis Paulista, mas viveu toda a infância em Areópolis, interior de São Paulo. Quando garoto, trabalhou no campo. Plantava eucalipto, matava formiga e realizava outros serviços rurais. Até a adolescência, sequer havia sonhado em ser jogador de futebol. Nessa época, apenas torcia por seu irmão, Edvaldo, que passou por alguns times profissionais. Foi ele, inclusive, quem incentivou Rodrigo a seguir carreira.

Aos 13 anos, ingressou na escolinha de futebol de Areópolis. Por lazer, treinava duas vezes por semana. Aos 15, participou de uma peneira na cidade de Lençóis Paulista, no campo do Lençoense. Muitos garotos tentaram, mas poucos tiveram êxito. Rodrigo foi um deles. A bonificação foi uma oportunidade no próprio São Paulo Futebol Clube. Entretanto, por uma ironia do destino, foi reprovado. Como não desejava seguir adiante, não ficou aborrecido. Seus planos, porém, começaram a mudar em 1997, quando passou a defender o Rio Claro, da cidade de mesmo nome.

Durante três meses, permaneceu na equipe e disputou a série

B1B do Campeonato Paulista. Após esse período, tentou a sorte em Minas Gerais, no Atlético-MG. Lá, porém, sentiu-se desamparado. Ele diz que jogou bem e passou em todos os testes. Mas foi dispensado pelo clube - até hoje, Rodrigo não sabe o real motivo de seu desligamento.

Logo surgiu uma equipe de São Paulo interessada em seu futebol. No fim de 1997, a Ponte Preta, de Campinas, contratou o "volante". Até aquele momento, Rodrigo não havia descoberto sua atual posição.

Chegando, percebeu que já existia um atleta em seu setor de origem. Sem pensar duas vezes, encarou a zaga. Aos 18 anos, subiu para os juniores e conquistou o vice-campeonato da Copa São Paulo, em 1998. A boa campanha da Macaca no torneio permitiu que Rodrigo ganhasse uma oportunidade entre os profissionais. E, a partir daí, começasse a sonhar mais alto.

O RECOMEÇAR

Após sete anos de Ponte Preta, e acumulando ótimas apresentações, saiu do time campineiro. Durante esse tempo, o zagueiro fez muitas amizades. E o destino agiu a seu favor, já que seu melhor companheiro da equipe do interior foi um dos principais responsáveis por

sua vinda ao time da capital paulista.

Parceiros inseparáveis, Luís Fabiano e Rodrigo sempre mantiveram contato. E se tornaram irmãos por consideração. Certa vez, o artilheiro conversou com Milton Cruz, auxiliar-técnico de Cuca, a respeito do amigo. Cruz, então, reuniu-se com a diretoria são-paulina e indicou o nome do beque. Conseguindo a liberação, Rodrigo entrou em contato com o Tricolor e acertou sua transferência.

No São Paulo, o zagueirão foi muito bem recebido pelos companheiros. Luís Fabiano apresentou o amigo ao elenco e o deixou à

vontade, como se estivesse em casa. Como o treinador da equipe também era novato no clube, o jogador sentiu que a chance de garantir uma vaga entre os titulares era boa.

No início do Campeonato Paulista, Rodrigo estava no banco de reservas. A dupla titular era formada por Fabão e Diego Lugano. No terceiro jogo, porém, contra a Portuguesa santista, no Ulrico Mursa, em Santos, conquistou um lugar no time. Hoje, a zaga, formada por ele e o baiano Fabão, não é problema para Cuca. O sistema defensivo é um dos pontos fortes. "Meu entrosamento com Fabão está

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Dinheiro: Necessário para viver

Frustração: Derrota na Libertadores

MULHER: MINHA MÃE

Homem: Meu pai

FAMÍLIA: TUDO

Comida: Feijoada

Medo: Perder meus pais

Tristeza: Falecimento da minha avó

FELICIDADE: NASCIMENTO DA MINHA FILHA

São Paulo Futebol Clube: Tornou-se a minha primeira casa, pois não moro perto da minha família

BATE-BOLA COM RODRIGO

Como é estar no São Paulo?

É como um sonho. Jogar futebol é a coisa de que mais gosto. Consegui chegar aqui e não desperdiçarei essa oportunidade. Em todos os jogos, entro com a mesma seriedade. Se, em 90 minutos, não der meu máximo, vou ficar em casa assistindo ao teipe e me lamentando. Por isso, gasto todas as minhas energias em qualquer partida. Para, depois, não pensar que poderia ter feito isso ou aquilo.

Como é o relacionamento do elenco com o Cuca?

Ele é uma pessoa de grupo. Sempre está ligado nos problemas de todo mundo. Procura ajudar da melhor maneira possível, tanto dentro quanto fora de campo. Quando percebe que algum jogador está chateado, conversa particularmente. O elenco inteiro tem um enorme carinho por ele.

Que sistema de jogo lhe dá mais confiança?

Sou o zagueiro que joga de acordo com o que o treinador está querendo. Se optar por um esquema diferente, e achar que dará resultado, ótimo. Estou com ele. Quando a equipe está ganhando, o melhor é deixar como está.

Hoje, você é um dos atletas tricolores que mais recebem cartão amarelo. Foi o recordista na Libertadores, somando oito advertências. Por quê?

Meu estilo de jogo é diferente do de Simplício, por exemplo. Ao mesmo tempo em que ele marca, também sai para o jogo. Eu só marco. Quando enfrentamos jogadores rápidos, como o que aconteceu durante a Libertadores, fica um pouco difícil. Minha função é parar a jogada. Acabei levando cartões por excesso de faltas e não por ser um jogador violento. Quando um atleta é veloz, temos de pará-lo de algum jeito. Mas não é necessário abusar da violência.

As bolas aéreas continuam sendo um tormento para as zagas e os goleiros?

Não tomamos muitos gols de bola parada. Na minha opinião, a zaga falha quando leva gol em decorrência de um escanteio, em que todos os atletas estão na marcação de alguém. Isso, sim, é falha. Mas, com a bola rolando, considero os méritos dos atacantes.

A imprensa falou que você e o Luís Fabiano teriam se desentendido ao término do jogo com o Grêmio. Procede?

O que houve foi uma cobrança normal, como cobro, por exemplo, o Fabão e o Cichinho. A imprensa distorce muitas coisas.

A torcida são-paulina não acreditou naquele gol, aos 44 minutos do segundo tempo, do Once Caldas. O que passa na cabeça do jogador?

Passa muita coisa, porque é aquele negócio que ninguém está esperando. Como foi horrível, é melhor apagar da memória. Que sirva apenas como lição.

Quais são suas pretensões em relação à seleção brasileira?

Jogando no São Paulo, minhas chances de ir para a seleção aumentaram demais. Só me resta continuar jogando bem para que meu nome apareça nas próximas convocações.

E as especulações a respeito de sua saída para o futebol do exterior?

Mostram que estou fazendo um bom trabalho e as pessoas estão reconhecendo. Mas não posso desviar minha atenção. Penso apenas no São Paulo. Até porque são apenas especulações.

Quais são os melhores zagueiros brasileiros na atualidade?

Na minha opinião, o Rodrigo (*risos*), o Edu Dracena e (*depois de uma pequena pausa*) o Roque Junior.

muito bom. Apesar de não termos muito contato fora de campo, aqui no clube nossa amizade é bastante sadia", revela.

Há seis meses no São Paulo, Rodrigo, um dos atletas mais estáveis do grupo, já sentiu na pele a dor e as conseqüências de uma desclassificação. No dia 16 de junho de 2004, os colombianos do Once Caldas adiaram

o objetivo tricolor de conquistar o tricampeonato da Libertadores. "O segundo gol que sofremos foi terrível, porque é aquele negócio que ninguém está esperando. Como foi horrível, é melhor apagar da memória. Que sirva apenas como lição."

Mas, atualmente, Rodrigo está numa fase de curtição. Anda sorrindo à toa com o nascimento de sua primeira filha, Rebecca, de apenas dois meses. "Está sendo delicioso, pois a minha responsabilidade aumentou e eu comecei a pensar bem mais no futuro. A minha ex-mulher mora com ela em Campinas e, sempre que tenho tempo, viajo para lá", orgulha-se.



BRAÇO QUEBRADO

Por conta de uma fratura no antebraço direito, ocasionada no jogo contra a Ponte Preta, em 3 de julho, no Morumbi, Rodrigo desfalcou o São Paulo em alguns jogos do Campeonato Brasileiro.

MAURI GRANADO

A chegada de "El Pequeño"

Visando fortalecer o elenco para a seqüência do Campeonato Brasileiro, a diretoria do São Paulo acertou a contratação de mais um reforço. O venezuelano Alexander Rondón, 26, é uma das novas apostas. O atleta fazia parte de uma lista elaborada pela comissão técnica, que, durante a disputa da Libertadores, observou alguns jogadores. Veloz e matador, o atacante foi vice-artilheiro da equipe no torneio, com três gols. Pelo campeonato nacional, balançou as redes 13 vezes. Por conta de sua estatura (1,74m), é chamado pelos conterrâneos de "El Pequeño". Com belas apresentações, ganhou destaque e foi convocado para disputar a Copa América, realizada no Peru. **(Sergio Luci)**

Alexander
RONDÓN Heredia
Nascimento: 30/08/77
Local: Cumaná (VEN)
Posição: Atacante
Altura: 1,74m
Peso: 75kg
Clubes que defendeu:
Zulanos, Caracas,
Nacional, Estudiantes de
Mérida e Deportivo
Táchira (VEN)



Rondón:
novo atacante

DE SAÍDA

O São Paulo começou este segundo semestre liberando alguns jogadores cujos contratos estavam vencendo. Os primeiros a deixar o clube foram Gustavo Nery (*ao lado*) e Marquinhos. Até o fechamento desta edição, outros atletas reforçavam a provável lista de dispensas, mas nenhum nome havia sido definido.



“Volto ao meu lugar de origem”

Discurso proferido por Laudo Natel em 10/04/72

Prezados amigos, honrado pela confiança dos são-paulinos, venho ocupando, desde 1958, a Presidência do nosso clube após tê-lo servido, como diretor, de 1952 àquela data. Vinte anos, portanto, marcam a minha atividade diretiva, ao longo dos quais sensíveis transformações apresentou a fisionomia do São Paulo Futebol Clube. É chegado o momento de entregar a agremiação a outras mãos. Antes, porém, quero dizer ao são-paulino o quanto fui distinguido pelo calor do seu incentivo e pela colaboração inestimável que recebi nessa longa jornada. O prestígio, a força moral e a popularidade do nosso clube contrastavam com a sua modéstia financeira e patrimonial. O anseio generalizado de nossa gente, de manter o futebol em altos níveis, ao lado do desenvolvimento social e poliesportivo de nossa associação exigia a construção de alicerces poderosos. Esses objetivos sintetizaram a filosofia do meu programa, do qual não me afastei nunca, até que as metas, uma a uma, fossem atingidas e até superadas. Quem se der à preocupação de lançar um olhar retrospectivo sobre o que se fez no São Paulo FC nas últimas duas décadas não poderá deixar de reconhecer o imenso caminho percorrido, mercê do trabalho e da perseverança. Entrego a direção do clube a mãos experientes e dedicadas, porém não me afasto dele. Desejo contribuir, o quanto possa, para que o São Paulo, dia a dia, se engrandea e engrandea, por consequência, o esporte de nossa terra. A situação financeira é de rigoroso equilíbrio. A situação patrimonial é excelente. O clube nada deve e ostenta, nesse setor, situação de privilégio. Tenho a convicção de que novas idéias, que vêm sendo cultivadas e alimentadas nos últimos anos, poderão dar dimensões mais largas ao esporte e, especialmente, ao futebol profissional, cuja estrutura, entre nós forçoso é reconhecer, está reclamando transformações. A equipe de futebol deixou sensivelmente reforçada, cumprindo as promessas feitas enquanto se construía o Morumbi: bicampeã paulista, vice-campeã nacional e forte candidata ao título do torneio internacional “Libertadores da América”. Acredito que possa ter cometido equívocos. Em nenhum momento tive vacilações. Um agradecimento todo especial aos companheiros da Diretoria, das várias gestões que constituíram magnífica equipe de trabalho. Uma palavra de gratidão ao Conselho Deliberativo, onde sempre encontrei apoio e incentivo. Um voto de saudades aos companheiros que se foram, simbolizando-os na figura inesquecível de Cícero Pompeu de Toledo. Um abraço ao generoso quadro social e à torcida do nosso clube, razão de sua própria existência. Registro a convivência feliz com os homens que, ao longo desses anos, dirigiram confederações, federações e clubes irmãos. Amealhei, entre eles, mercê de Deus, amizades preciosas. Injusto seria esquecer, neste momento, os órgãos de comunicação. Não teria palavras para traduzir o quanto fico devendo à imprensa, ao rádio, à televisão, ao cinema. Aos homens da crônica especializada em esporte quero deixar um abraço carinhoso e dizer que fico agradecido pela extraordinária cooperação que me deram em toda a minha gestão. Agradeço o incentivo e a crítica construtiva, fatores decisivos para que o São Paulo chegasse aonde chegou. Não direi adeus ao são-paulino, pois retorno ao meu lugar de origem entre a torcida. Rogo a Deus pelo futuro do nosso São Paulo, em que confio, e pela grandeza do esporte de nossa terra, em que acredito.

Transcrito por Agnelo Di Lorenzo



Agnelo Di Lorenzo
Historiador do SPFC



Da esq. para a dir.: o técnico e Campeão Olímpico/92 Rogério Sampaio, Daniele Sangrando, Leonardo Guilherme, o coordenador e Campeão Olímpico/88 Aurélio Miguel e o técnico Ivo Nascimento

SÃO PAULO RUMO A ATENAS

Pelo menos quatro atletas são-paulinos estarão entre os muitos que representarão o Brasil na Olimpíada de Atenas, na Grécia. Danielle Zangrando e Leandro Guilherme, do judô, e Alessandro Matos e Washington Silva, do boxe, levarão as cores do clube para o mais importante evento esportivo do mundo.

É possível, ainda, que o São Paulo tenha representantes na equipe de handebol feminino. Até o fechamento desta edição, Aline Waleska Lopes Rosas (Pará), Jacqueline Santana (Jack) e Lucila Vianna da Silva, do São Paulo FC/Guaru, participavam da sexta fase de treinamentos da seleção brasileira de handebol, em Aracaju-SE, visando aos jogos olímpicos de Atenas. O grupo brasileiro estava com 18 jogadoras e três delas seriam dispensadas. Pará (ponta-esquerda), Jack (goleira) e Lucila (armadora) ajudaram o SPFC/Guaru a conquistar o Campeonato Paulista de Handebol de 2004. Esses resultados demonstram, mais uma vez, a força do São Paulo como grande formador de atletas, não só no futebol, mas também nos demais esportes. **(Andrea Longue)**

AERÓBICA COLECIONA TÍTULOS

A aeróbica do São Paulo brilhou novamente no cenário mundial. Desta vez, representando o Brasil, o trio formado por Marcela Matos, Marina Matos e Cibele Oliane conquistou, em 4 de junho, o título de Campeão Mundial de Aeróbica, no Mundial da Federação Internacional de Ginástica (FIG), realizado em Sofia, na Bulgária. Esse é o campeonato mais importante da modalidade. E reuniu, nesta edição, trios de 35 países. No mês de abril, a ginasta Marcela Matos já havia trazido do Japão o título de tricampeã mundial e sido condecorada com o troféu “Melhor Atleta” do torneio. **(AL)**



SÓCIO-TORCEDORES NA LIBERTADORES

Saviero e Caracciolo foram sorteados pelo projeto Sócio-Torcedor e tiveram a oportunidade de acompanhar a delegação são-paulina em partidas da Libertadores da América 2004

Marcio Fernandes Caracciolo



Edgar Diniz Saviero e Marcio Fernandes Caracciolo não imaginariam que um dia conheceriam de perto seus ídolos são-paulinos. Ambos são sócios-torcedores e tiveram a sorte de serem escolhidos na promoção do projeto tricolor que os contemplou com viagens ao exterior para acompanhar a delegação em importantes jogos da Copa Libertadores da América 2004. "Quando me ligaram do São Paulo, pensei que era trote. Eu tinha acabado de chegar em casa e falaram que eu tinha sido sorteado. Não acreditei muito, mas liguei para o meu chefe para ver se conseguiria uma licença do trabalho. Consegui", disse Saviero, de 25 anos, que, pela primeira vez, viajou de avião e para fora do país. O sócio-torcedor teve a oportunidade de presenciar a vitória do São Paulo por 4 a 1 diante do Deportivo Táchira, dia 26 de maio, na Venezuela. Mas o que mais chamou a atenção dele foi a calorosa recepção por parte de atletas, comissão técnica e dirigentes. "Eu imaginava que os jogadores ficassem mais retirados e que eu não fosse ter tanto contato com eles. Mas não. Todos eles foram muito legais comigo, conversaram bastante, especialmente o Rogério Ceni de quem sou admirador declarado", afirmou o são-paulino. Quem também viveu dias de glória foi o sócio-torcedor Marcio Caracciolo. Ele esteve presente na segunda partida da semifinal da Libertadores entre Once Caldas e São Paulo, dia 16 de junho, em Manizales, na Colômbia.

"Claro que fiquei triste com a saída do São Paulo do torneio, mas me orgulho de ter vivenciado tudo isso", comentou o fanático torcedor, que, de bônus, prestigiou o Tricolor diante do Paysandu, em Belém, pelo Campeonato Brasileiro. "Foi emocionante. Parabéns ao Sócio-Torcedor que proporcionou momentos inesquecíveis com meu time do coração."

SEGUNDO SEMESTRE AGITADO

Além de dar continuidade as promoções ao longo do Campeonato Brasileiro, o projeto está buscando novas ações para aprimorar ainda mais a parceria entre o torcedor e o clube. "As principais novidades ainda estão por vir e envolvem ações relacionadas aos mais modernos meios de comunicação na Web", revelou Luiz Celso de Piratinga, diretor de Comunicações do São Paulo. **(Cinthia Savino)**

Edgar Diniz Saviero



PARA LER

Pedagogia do Futebol

Editora: Autores Associados
Preço sugerido: 19 reais 98 páginas

Escrito por João Batista Freire, *Pedagogia do Futebol* é uma obra diferente. Ao mesmo tempo em que o autor fala sobre a paixão que contagia o futebol, também transmite as lições e as consequências, socialmente falando, desse esporte. Segundo Freire, aprender a lidar com sentimentos, como a alegria ou uma enorme frustração, ajuda a despertar o grande homem por trás do atleta.



João sem Medo: Futebol-arte e Identidade

Editora: Pontes
Preço sugerido: 26 reais
142 páginas

De um lado, o samba e o futebol-arte. Do outro, o compositor alemão Wagner e o futebol força. Mais do que um simples jogo, tal esporte é uma alegoria do confronto entre diferentes culturas e identidades. Esse é o discurso de Eduardo Dias Manhães em *João sem Medo: Futebol-arte e Identidade*.



De olho no futuro

Parceria entre Los Angeles Galaxy e São Paulo Futebol Clube prevê valiosa troca de conhecimentos



FOTOS DIVULGAÇÃO

Fachada do The Home Depot Stadium



Fernando Macedo Soares (de óculos), Marcelo Martines (ao centro) e Doug Hamilton, presidente do LA Galaxy

Por Ana Paula Andrade

O São Paulo Futebol Clube iniciou negociações de parceria com o Los Angeles Galaxy em maio e, para celebrar o acordo, foi realizada uma partida amistosa entre as duas agremiações, no início de junho, no The Home Depot Center, em Los Angeles, nos Estados Unidos. O jogo, que contou com a presença de quase 15 mil torcedores, terminou com a vitória brasileira por 1 a 0, com gol do atacante Rafinha, aos 39

minutos do segundo tempo. O termo de parceria com os norte-americanos define os papéis dos clubes da seguinte forma: enquanto o São Paulo se compromete a fornecer à equipe do Galaxy todo o conhecimento e a experiência técnico-administrativa nas áreas de futebol de base e profissional, o LAG oferecerá informações das áreas de administração, marketing e gerenciamento de complexos esportivos, como centros de eventos artísticos e poliesportivos,

além da comercialização de eventos de entretenimento. Para o diretor de marketing do São Paulo, Márcio Sanzi, é importante realizar parcerias desse porte para abertura do mercado estrangeiro. "A nossa intenção é entrar nos EUA com a estrutura do futebol são-paulino, que é o maior exportador de jogadores do mundo, e abrir o mercado financeiro com a venda de jogadores, de know-how, além de trazer parcerias para grandes eventos sociais, artísticos etc." Nesse primeiro encontro entre os clubes, estiveram presentes o presidente do LAG, Doug Hamilton, seus diretores Whit Haskel, Michael Hitchcock e Thomas Payne, afora o chefe de marketing da AEG, Shawn Hunter. Pelo lado são-paulino, comandaram os trabalhos o vice-presidente e chefe da delegação Marcelo Martines e o gerente de marketing, Fernando Macedo Soares. Ambos apre-

sentaram aos novos parceiros a estrutura de futebol do São Paulo e conheceram o potencial da empresa americana. "A AEG é uma empresa altamente profissional e com objetivos amplos, entre os quais desenvolver o futebol e formar uma grande torcida. Eles buscam a estrutura de formação de uma equipe de futebol e essa é uma parceria que poderá ser de grande interesse econômico para o São Paulo", declarou Martines. A parceria com o Los Angeles Galaxy faz parte de um projeto, que está sendo desenvolvido, de internacionalização da marca são-paulina. O diretor de assuntos internacionais, Gabriel Aidar Abouchar, acredita na expansão do Tricolor em solo estrangeiro. "Os Estados Unidos representam um mercado grande e essa parceria é o futuro da ampliação das relações internacionais do São Paulo Futebol Clube", disse Abouchar.



Da esq. para a dir.: Olten Ayres de Abreu e sua filha Denise, o presidente Marcelo Portugal Gouvêa e o presidente do Conselho Deliberativo, Affonso Renato Meira

HOMENAGEM A OLTEN AYRES DE ABREU

O São Paulo Futebol Clube homenageou, no dia 3 de julho, o Conselheiro Vitalício Olten Ayres de Abreu, árbitro da partida inaugural do Estádio Cícero Pompeu de Toledo entre São Paulo e Sporting, que foi 1 a 0 para o Tricolor, em 2 de outubro de 1960. Na solenidade, além de familiares, diretores e amigos, esteve presente o presidente Marcelo Portugal Gouvêa, que, ao lado de Olten, descerrou placa comemorativa. O conselheiro também emprestou seu nome ao vestiário de árbitros, localizado no estádio.

HANDEBOL NA PONTA

Na decisão de melhor de três, no handebol feminino, o Mesc saiu na frente vencendo a primeira partida por 26 a 19, em Guarulhos. No segundo encontro da série, o São Paulo/Guaru deu o troco. Ganhando por 31 a 25, também na casa do adversário, quebrou uma invencibilidade de 13 jogos da equipe de São Bernardo. O terceiro embate foi bastante acirrado, mas o time tricolor conseguiu manter o placar a seu favor em 23 a 22. A artilheira da final foi a são-paulina Sílvia Helena, que marcou 11 gols. "Nosso time teve muita raça e força de vontade. Fomos buscar o jogo até o último instante", comentou.

Não é a primeira vez que as duas equipes fazem uma final do Paulistão. Em 2002, o time do ABC também largou na frente, vencendo o primeiro jogo da série de melhor de três. Na segunda partida, o São Paulo/Guaru venceu, adiando a decisão. A terceira terminou empatada. E o Tricolor acabou conquistando o título na prorrogação.

Equipe Campeã: Margarida Conte, Ana Maria Silva, Alessandra Oliveira, Edna Costa, Sandra Souza, Aline Rosas, Jacqueline Santana, Lucila Silvia, Lílian Zonta, Sílvia Pinheiro, Rosana Aleluia, Adriana Francisco, Flávia Silva e Kátia Souza. Comissão técnica: Marisa Cecília Loffredo, Lausida Góes, Ana Sheila de Paiva e Sílvia Terezinha Gomes. (AL)

PISAMOS NA BOLA (Ed. 122)

Na matéria sobre os armadores do São Paulo, que vai página 14 à 17, erramos a procedência do jogador **SIERRA**. Ele veio, na realidade, do **UNION ESPAÑOLA**.

Na voz de Paulo Planet

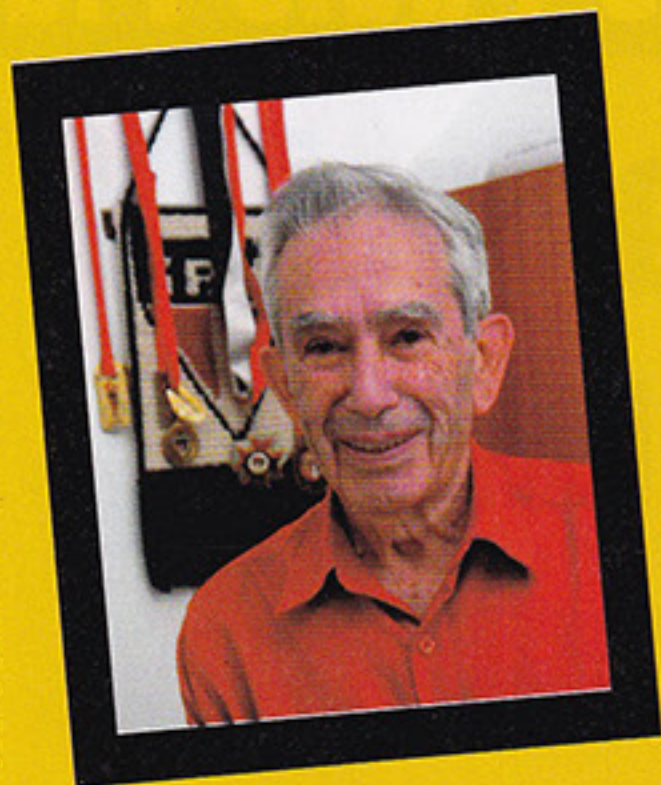
Rogério Ceni, mais torcedor que jogador

Ele já integrou a seleção brasileira e joga pelo São Paulo há mais tempo que podem imaginar mesmo os mais antigos torcedores do Tricolor. Foi suplente por pouco tempo, quem sabe o suficiente para admirar o amor que goleiros anteriores sempre mostraram pelo clube, como sejam, entre outros, Pedrosa, King, Doutor, Poy e Waldir Peres, que, além de terem sido magníficos sob os três paus do gol, nunca deixaram de revelar o sentimento que sentiam pela agremiação que os mantivera sob contrato, exceção feita a Roberto Gomes Pedrosa, que fazia questão de jogar sem nada receber. E que acabou sendo presidente da Federação Paulo de Futebol, onde criou a Lei do Acesso, que deu origem aos formidáveis clubes do nosso interior. Rogério, contudo, tem mostrado a cada ano, a cada partida que, além de ser um fantástico guarda-valas, sempre teve como princípio o seu fanatismo, o fato de ser, antes de mais nada, um torcedor que joga no clube do seu coração. Colocando, quando em atividade, não só suas qualidades técnicas em jogo, mas, mais do que tudo, o que sente, efetivamente, pela nossa entidade. O que mostrou em numerosas oportunidades, para culminar nesta jornada memorável, inesquecível, ocorrida na classificação para as quartas-de-final da Libertadores, contra o Rosario Central da Argentina. Defendeu penalidades máximas, converteu as que foi encarregado de cobrar, vibrou como sempre e, claro, contaminou os companheiros, principalmente depois da perda de penais por parte de Cicinho e mesmo de Luís Fabiano, o goleador do time. Rogério passa a figurar como parte da própria história do São Paulo e revelou, para o mundo futebolístico, que mesmo os profissionais poderão, sempre, mostrar o seu amor pelos clubes do seu coração. Deu um generoso exemplo, mostrando que a vibração, o entusiasmo podem gerar vitórias que podem parecer impossíveis. Rogério Ceni, seja qual for o seu futuro, o seu destino, convido-o a integrar, quando encerrar a sua carreira, o Conselho Deliberativo do São Paulo. Você merece estar lá!

Rogério:
sempre vibrante



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.



RUBENS CHIRI

O clube mais laureado do Brasil

O São Paulo Futebol Clube não é o primeiro no ranking dos clubes brasileiros nem o terceiro do mundo, na opinião dos órgãos de imprensa e da crítica internacional especializada, por mero acaso ou por qualquer avaliação tendenciosa. O glorioso Tricolor de São Paulo já nasceu grande ao receber o nome da sua cidade, do seu Estado, origem de tanta gente, exatamente no dia 25 de Janeiro de 1930, quando um grupo de torcedores oriundos do São Paulo Athletic Club, fundado por Charles Miller e outros tantos torcedores do glorioso Clube Atlético Paulistano, inconformado com a desativação do futebol pelo advento do profissionalismo, assinou a sua ata de fundação. Foi num dia como esse, nos idos de 1554, que o missionário Padre Anchieta, coadjuvado por Manoel de Nóbrega, fundou São Paulo de Piratininga, capital do nosso Estado. Foi num dia como esse que a cidade de São Paulo e o São Paulo Futebol Clube começaram a crescer. O São Paulo não é respeitado porque possua a melhor equipe de futebol do momento; nem porque seja o clube mais bem administrado do futebol brasileiro; muito menos pelos títulos conquistados, inclusive os de bicampeão da Taça Libertadores da América e bicampeão do Mundial Interclubes, nem por ser o primeiro classificado no ranking do Campeonato Brasileiro, do qual já participou da final por oito vezes. Também não é reverenciado porque cresceu materialmente; porque possui o maior estádio particular do mundo, por possuir vários Centros de Treinamento, inclusive campos de futebol com grama sintética para os seus associados, de fazer inveja a muitos clubes profissionais; ou porque mantém um Departamento Médico entre os mais bem equipados do mundo, procurado até por atletas estrangeiros. Nem porque possui a terceira maior torcida do País, com mais de dez milhões de torcedores, sendo, no mínimo, um quarto de século mais jovem do que os dois que estão à sua frente sob esse aspecto. Muito menos por ser o clube que mais atletas cedeu à seleção brasileira em todos os tempos. Nem é aplaudido porque o clube teve a primazia ou a sorte, as bênçãos dos céus, por haver sido fundado pelas mãos de um grupo de jovens idealistas, com seus corações cheios de sonhos e ambições sadias, onde encontramos, ainda hoje, os

filhos, netos, e outros descendentes dos pioneiros de ontem. E os que vieram depois.

O São Paulo é reverenciado e aplaudido por tudo isso junto! Um clube que nasceu pobre, grande e pobre, como tantos outros. Sofreu percalços com alguns sonhos mal realizados, quase precisou encerrar definitivamente suas atividades porque não tinha dinheiro para pagar o aluguel de sua modesta sede social. Isso só não aconteceu graças ao desprendimento de alguns participantes daquele grupo de abnegados, a quem rendemos nossas homenagens. Eles dispuseram de seus próprios bens para que o barco não afundasse.

Com denodo, inquebrantável espírito de luta, e com a fé imensa conduzida por Monsenhor Bastos, Porfírio da Paz, Cícero Pompeu de Toledo e outros — e muitos companheiros ainda entre nós —, o São Paulo Futebol Clube ressurgiu das cinzas e edificou esse invejável patrimônio, material e desportivo, exibido hoje em todos os quadrantes do mundo. Mas o São Paulo ainda está a caminho de uma glória maior. Tem um rumo a seguir. Seu rumo é orientado pelo clarão das estrelas, pela fé nos destinos mais altos do homem, pela força do trabalho, pelo desprendimento de seus dirigentes, pela fibra de seus atletas, pelo amor de sua torcida.

É por esses motivos que repito sempre: ser são-paulino é um privilégio!

Guaracy Sampaio,
sócio nº 193 do SPFC



Kaká, eterno ídolo tricolor, com Ricardinho, representante da nova safra de são-paulinos: partes da grandiosidade do clube



FOTOS RUBENS CHIRI / ARTE RCMAC

**Venha ser parceiro do São Paulo.
Licencie seu produto ao lado
de uma marca campeã**

**Maiores informações: Diretoria de Marketing
(11) 3749-8065 ou marketing@saopaulofc.net**



TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ